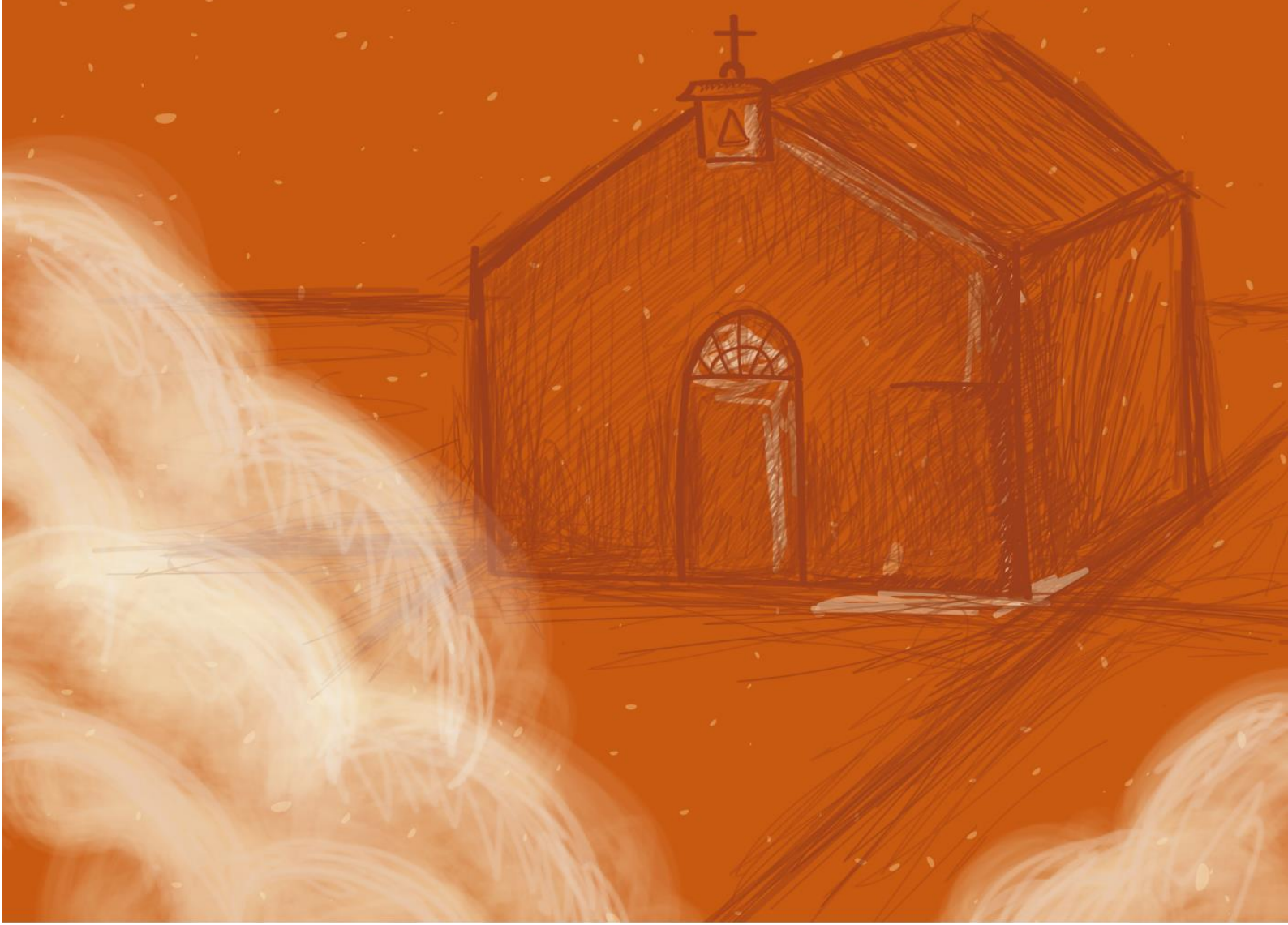


UM NOVO OLHAR PARA O
CANGAÍBA

MEMÓRIA E PROTAGONISMO
DOS MORADORES DO BAIRRO

JULIANA BELLATO DE SOUZA



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

JULIANA BELLATO DE SOUZA

**Um novo olhar para o Cangaíba: memória e protagonismo dos
moradores do bairro**

São Paulo

2020

JULIANA BELLATO DE SOUZA

Um novo olhar para o Cangaíba: memória e protagonismo dos moradores do bairro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Souza, Juliana Bellato de
Um novo olhar para o Cangaíba: memória e protagonismo dos moradores do bairro / Juliana Bellato de Souza ; orientador, Paulo Roberto Nassar de Oliveira. -- São Paulo, 2020.

75 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo/Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão corrigida

1. Novas narrativas 2. memória 3. protagonismo 4. Cangaíba
5. entrevista I. Nassar de Oliveira, Paulo Roberto II.
Título.

CDD 21.ed. - 659.2

JULIANA BELLATO DE SOUZA

**Um novo olhar para o Cangaíba:
memória e protagonismo dos moradores do bairro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Aprovado em: 02/12/2020

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

Instituição: Professor doutor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Membro Titular: Beth Totini

Instituição: CEO da Memória e Identidade e do Grupo de Estudos de Novas Narrativas.

Membro Titular: Marina Filippe

Instituição: Editora da Revista Exame e do Grupo de Estudos de Novas Narrativas.

AGRADECIMENTOS

Nunca fui boa em fechar ciclos, tenho dificuldade em entender o fim das coisas. Viver esses anos da ECA foi um dos momentos mais especiais da minha vida. Não seria exagero dizer que tudo mudou depois do dia que descobri por minha mãe que viria a estudar nesta Escola. O que foi poder viver essa experiência? Não sei medir em palavras o quão transformador foi ter memórias aqui. Luto para que mais pessoas possam viver uma oportunidade como essa.

Agradeço a meus pais e minha família. Meus pais, Solemar e Renor, sempre investiram em minha educação, independentemente de qualquer adversidade, pois sempre viram nela uma forma de transformação de vida! E muito mais que isso, sempre acreditaram e acreditam nos meus grandes sonhos, estando comigo não importa onde. Agradeço à minha irmã Mariana e meu irmão Leandro, a meus primos Marina e Tiago, a meus sobrinhos Pedro e Eloá, tios e tias, por participarem da caminhada de minha formação, que permitiu também que eu chegasse nesse momento. Essa grande vitória é de todos nós, sou imensamente grata e amo vocês com todo meu coração! Um agradecimento em memória muito especial à minha tia Solange, que infelizmente não está mais entre nós, mas que sempre me apoiou e estará para sempre em meus sentimentos.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação educacional, desde criança até hoje. Os professores cumprem um papel essencial na sociedade e todos foram importantes nessa minha trajetória. Um agradecimento ao professor Dr. Paulo Nassar que me mostrou através de seus ensinamentos como Relações Públicas deve olhar para o lado humano e afetivo dos públicos e, que como meu orientador, abraçou esse tema tão importante para mim.

Agradeço a minhas amigas e amigos. Quem tem um amigo tem tudo, já diria o cantor Emicida. Quando penso em minhas amizades, a memória que salta em minha lembrança é vê-los todos em volta da mesa do bolo nos meus aniversários. Como é bom ver minha casa cheia de amigos. Minhas amigas antes da ECA, Juliana, Beatriz Reis, Ligia e Eduarda, sou feliz por caminhar com vocês por tanto tempo e com certeza caminharemos por muito mais.

Entrar na ECA foi um sonho que não conseguia acreditar, mas também me causou

muitas inseguranças, sendo uma delas não me encaixar. Ainda bem que o destino ou o acaso me proporcionaram grandes amizades. À RPnot16, uma família fora do Cangaíba, um porto seguro, um encontro de almas, que me presenteou com o primeiro sentimento de pertencer na faculdade, não poderia ser mais grata em ter vocês em minha vida. Ao Centro Acadêmico, onde pude ter minha primeira experiência política em uma entidade, viver as experiências coletivas e me entender enquanto militante com mais companheiros e companheiras. À ECAtlética, que vivenciei mais distante por um tempo, conhecendo pessoas queridas, e finalmente na 30 pude viver essa entidade ao máximo, aprendendo muito sobre resiliência, força e, principalmente, amor. Ao meu time de rugby, que juntou pessoas tão diversas e me proporcionou bons momentos. À minha família ecana, Marcela, Ana Carolina, Tita e Heloisa, que nunca foi apenas uma transferência de materiais, mas sim relações verdadeiras de companheirismo e amor. Ao Afronte, que me permitiu e permite sonhar um mundo novo coletivamente, afinal só faz sentido porque é coletivo, além de me conectar com pessoas tão especiais. À Beatriz, Flávia, Luana e Maria Luiza por serem amigas tão queridas e, mesmo diferentes, que se completam tão bem. À Isadora e Blenda, que nem sei por onde começou, mas sou grata por ter acontecido e sermos amigas tão próximas. À Kami, Gigio e Toni, por toda parceria e amizade que temos sempre. À Helo, Thaísa, Tayná, Pablo e tantas outras amigas e amigos que poderia citar aqui. Sou grata por tudo que vivi aqui, mas muito mais grata por quem pude conhecer e levar um pouquinho de cada em meu coração.

Agradeço também a quem me acompanhou nesse processo de trabalho de conclusão de curso. Primeiro agradeço ao grupo de apoio dos formandos desse semestre de RPnot16, vocês foram essenciais nessa jornada. Meu obrigada a Larissa Prada, que revisou meu trabalho com muita atenção e paciência; ao Marcos; Cozer; Isadora; Blenda; Pablo; Beatriz; Mia; Maju e minha Tia Sueli. Vocês me deram confiança!

Agradeço também à Dona Marlene, Vó Izilda e Dona Ivone por contribuírem grandemente para esta monografia com dados tão importantes e disponibilidade de tempo e atenção.

Por fim, me sinto feliz em ter vivido esses anos na ECA e orgulhosa em encerrar esse ciclo de uma maneira tão bonita, com um tema que para mim é tão caro e afetuoso, falando do Cangaíba, bairro onde nasci e cresci!

RESUMO

SOUZA, Juliana Bellato de. **Um novo olhar para o Cangaíba: memória e protagonismo dos moradores do bairro.** 2020. 75f. Dissertação (Bacharelado de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabalho tem como objetivo dar atenção às histórias de moradores do Cangaíba, explorando os elementos presentes na memória, extraídos a partir da história oral, bem como a construção desses sujeitos no contexto em que estão inseridos. Esse tema foi escolhido com a intenção de dar visibilidade às vivências e experiências desses moradores. Pesquisa-se, assim, sobre o tema da *memória*, das novas narrativas, da construção do sujeito e da história oral, a fim de compreender o protagonismo desses moradores, partindo do compartilhamento das lembranças. Dessa forma, será possível conectar os temas do afeto e do pertencimento no recorte geográfico do Cangaíba, e também conectar a contação de histórias e memória à formação da identidade.

Palavras-chave: Novas narrativas; memória; protagonismo; Cangaíba; entrevista.

ABSTRACT

SOUZA, Juliana Bellato de. **A new view to Cangaíba: neighbourhood residents' memory and protagonism.** 2020. 75f. Dissertation (Bachelor Degree in Social Communication with habilitation in Public Relations) - School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2020

This present work seeks to give attention to Cangaíba residents' stories, exploring the elements present in memory extracted from oral history, as well as the construction of these subjects in the context in which they are inserted. This theme was chosen with the intention of giving visibility to residents' perception and experiences. The work focuses on memory, new narratives, the construction of the subject and oral history, in order to understand the protagonism starting from the sharing of memories. Thus, it was possible to connect the themes of affection and belonging in the geographic area of Cangaíba and, also, connect storytelling and memory with identity formation based on video interviews.

Keywords: New narratives; Memory; Protagonism; Cangaíba; Interview.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Compilado de fotos tiradas na Rua Rocha Fraga, no Cangaíba.....	32
Figura 2 - Manchete do G1: “Rua do Cangaíba, na Zona Leste de SP, tem dez furtos em cinco dias”	35
Figura 3 - Manchete da CBN: “Moradores do Cangaíba denunciam abandono no Parque Ecológico Tietê”	35
Figura 4 - Manchete do G1: “Moradores reclamam de escorpiões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro”	36
Figura 5 - Corpo da matéria do G1: “Moradores reclamam de escorpiões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro”	36
Figura 6 - Fotografia de Marlene.....	46
Figura 7 - Fotografia de Izilda.....	46
Figura 8 - Fotografia de Ivone.....	47
Figura 9 - Fotografia de Solemar.....	47

SUMÁRIO

O CONTEXTO EM QUE VIVEMOS	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 CAMPOS DE TRABALHO DA MEMÓRIA, CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	16
2.1. Como se manifesta a memória	16
2.2. Memória na Antropologia e na História	17
2.3. Memória na Psicologia Social	18
2.3.1. <i>Memória social</i>	21
2.3.1.1. <i>Memórias pessoais</i>	21
2.3.1.2. <i>Memórias comuns</i>	22
2.3.1.3. <i>Memórias coletivas</i>	22
2.3.1.4. <i>Memórias históricas documentais</i>	23
2.3.1.5. <i>Memórias históricas orais</i>	23
2.3.1.6. <i>Memórias práticas</i>	23
2.3.1.7. <i>Memórias públicas</i>	23
2.4. Memória de território	24
2.5. Memória na Comunicação	25
2.5.1. <i>Construção de narrativas</i>	27
2.6. Construção do sujeito enquanto ator social	29
3. O BAIRRO DO CANGAÍBA	31
3.1. História do bairro	31
3.2. Como o bairro se projeta no espaço público?	34
3.3. Entrevistas com moradores	38
3.4. Sujeito no espaço	40
3.5. Memória e identidade	41
4 MUDANÇA DE FOCO	44
4.1. Sentimento das entrevistas	44
4.2. O papel do protagonismo	50
4.3. Um novo olhar para o Cangaíba	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58

O CONTEXTO EM QUE VIVEMOS

Vivemos em um momento sem precedente histórico, que gerou uma crise social, econômica e sanitária. Não só o Brasil, mas o mundo inteiro atravessa uma pandemia. É impossível pensar que esse é o “novo normal”, no qual mais pessoas se encontram abaixo da linha da pobreza, as desigualdades só aumentam e o número de mortes diárias volta a crescer. O Brasil já bate o número de mais de 170 mil vidas e histórias perdidas.

O bairro do Cangaíba, em levantamento feito pelo Estadão em outubro de 2020, estava entre os três distritos com maior aceleração da pandemia, agravado especialmente pela falta de moradia e situação de extrema vulnerabilidade de seus moradores, levando conseqüentemente a uma alta nas mortes. A situação grave que passamos não pode ser considerada banal e nem com políticas negacionistas, como colocar a Covid-19 enquanto uma “gripezinha” ou dizer “e daí?” para o problema.

Este trabalho tem gravações feitas durante o período pandêmico, e foram todas realizadas com os devidos cuidados, mantendo o uso da máscara e distanciamento, assim como é sugerido pela Organização Mundial de Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A memória expressa-se multidisciplinarmente. Está presente nas áreas de Psicologia Social, Antropologia, História, Geografia e também na área da Comunicação. A memória não serve apenas enquanto elemento nostálgico; mas, principalmente, enquanto elemento do passado no presente, e postula a construção e os caminhos para a formação das memórias coletivas, mesmo que o ato de relembrar seja um esforço individual. Assim como pontuado por Ecléa Bosi, em entrevista para a Revista Pesquisa da Fapesp (2014):

Os trabalhos de memória têm um selo de nostalgia, um sabor agridoce. Porque a pessoa, enquanto conta a vida e a cidade, faz uma das operações mais difíceis para a mente humana, que é aceitar o irreversível, o que se perdeu. Quando conta, dá seu consentimento a essa perda, com graça e com liberdade. (Revista Pesquisa, 2014)

A memória está intimamente ligada à construção da identidade. É quase constante a ação de secundarizar as histórias de quem vive em bairros periféricos, e acabarmos trabalhando quase exclusivamente com os problemas dos locais. Essas pessoas têm história, contribuições, elaborações, sentimentos, anseios e sonhos. Secundarizar suas histórias e memórias secundariza, conseqüentemente, suas identidades, quem são, como se construíram e quais caminhos seguiram para chegar no presente momento. Pensar em uma Nova História implica pensar também em novos protagonistas, como os bairros periféricos.

O tema central deste trabalho é explorar a história do bairro Cangaíba, localizado na Zona Leste de São Paulo, a partir da história contada pelos moradores, além de entender como viver no bairro os constrói e como são formadas suas identidades. Assim, o objeto de estudo se constrói tanto pelo bairro em si, quanto por seus moradores. A memória será trabalhada enquanto apresentação de outra forma de narrativa, como contraponto às notícias vinculadas ao bairro. Dessa maneira, se oferece um protagonismo inexistente para essas pessoas, focando na construção das histórias, na oralidade, na construção dos sujeitos e no registro histórico.

Serão estudadas nesta monografia as histórias dos moradores do Cangaíba, explorando os elementos presentes na memória dos moradores – extraídos da história oral – bem como a construção desses sujeitos no contexto em que estão inseridos. Além disso, pesquisou-se a história do bairro e das pessoas, realizando um resgate da memória e da oralidade associada ao espaço. Assim, torna-se público esse outro lado da história, seguindo pelo caminho das novas narrativas, como pontuado por Nassar e Ribeiro (2012), enquanto “afetivas, qualitativas (...) e significativas; e, analisar o protagonismo aos sujeitos por meio de entrevistas por vídeo.”

No primeiro capítulo, serão apresentados os estudos que explicam os conceitos de memória nas áreas de Antropologia, História, Psicologia Social e Comunicação, além de conceituar a *memória de território*. A conceituação da construção de narrativas e do sujeito enquanto ator social também são realizadas, de maneira introdutória, neste capítulo. O segundo capítulo abordará mais especificamente um dos objetos de estudo, o bairro do Cangaíba, passando por sua história, pela projeção no espaço público, pela preparação para as entrevistas com os moradores, e pela análise do sujeito no espaço, conceituações de memória e identidade. Por fim, o terceiro capítulo encerra este trabalho com ponderações acerca do sentimento das entrevistas, o papel do protagonismo na vida dos sujeitos e uma nova perspectiva, um novo olhar para o Cangaíba.

A metodologia deste trabalho se apoia no entendimento do conceito de memória ligada à construção do sujeito, pela bibliografia, com Nassar (2012), Candau (2019), Thompson (2002), Lago (2015), Frochtengarten (2005), entre outros. Além disso, trabalhou-se o foco e o protagonismo dos sujeitos que vivem no bairro por meio de entrevistas em vídeo, resultando em uma pequena série de vídeos socializados pelo Instagram, contrapondo o foco que o Cangaíba recebe pelos jornais.

2 CAMPOS DE TRABALHO DA MEMÓRIA, CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Para iniciar este trabalho, é importante a compreensão mais ampla das áreas onde a memória se insere, para partimos de um ponto inicial comum. Os pontos da memória trabalhados serão a Antropologia, a História, a Psicologia Social, a memória de território e a memória na Comunicação, além da construção de narrativa e do sujeito social.

2.1. Como se manifesta a memória

memória s.f.

1. faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos.¹

Passamos por anos de vivência e experiências em nossas vidas e, por uma analogia simples, podemos pensar que acumulamos esse conhecimento como em uma mala de viagem. Alguns materiais fazem sentido em permanecerem sempre vivos, alguns já não nos servem mais, e outros ficam tão guardados no fundo da mala que quase os esquecemos. Assim ocorre o fluxo de nossas memórias.

A memória se manifesta de forma interdisciplinar, como nas áreas da Psicologia Social, da Antropologia, da História, da Geografia e também se faz presente na área da Comunicação. É importante, nesse primeiro momento, introduzir alguns conceitos sobre onde a memória está inserida, que nos ajudam a construir o caminho até o ponto estratégico deste trabalho. A ideia não é esgotar os temas; mas oferecer permitir um ponto inicial para o entendimento deste trabalho.

Importante ressaltar que utilizaremos a memória “no resgate de valores e princípios com uma dinâmica interativa própria e envolvente” (COGO; NASSAR, 2011, p.5). A manifestação da memória, assim, se dá de maneira dialógica, e essa “combinação interdisciplinar de métodos representa o maior potencial para a pesquisa do futuro” (THOMPSON, 2002, p. 11), permitindo um olhar mais amplo para o termo *memória*, que já como característica própria se encaixa nessas áreas.

¹ Definições de Oxford Languages.

2.2. Memória na Antropologia e na História

Há dois campos das Ciências Humanas nos quais a memória especialmente se manifesta, que constantemente dialogam entre si: as áreas da Antropologia e a da História. A ideia, neste momento, é fazer algumas contribuições acerca do tema da memória, presente em ambas.

Entre memória e história, vemos uma construção mais fluida, com sua própria dinâmica. Na primeira, temos a sensação de ser uma história sem rupturas. A segunda, por sua vez:

Quando pensamos nos arquivos que se construíram na História, percebemos que sua organização é sempre permeada por uma ordem do discurso, em que se deseja também certo controle sobre a interpretação. No entanto, mais uma vez, intuímos que não há como controlar as interpretações, pois o arquivo só vive de suas releituras, senão, morre. (ANDRADE; ALMOZARA, 2016, p.61)

Atualmente, a memória se encontra na “produção de subjetividades, da construção de identificações” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 125). Ela dança pelo tempo e traz outras perspectivas, assim como representado na obra de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*, no qual um público que fica às margens do foco da narrativa ganha luz e tem seus depoimentos eternizados.

A memória também se manifesta na Antropologia pela oralidade ou tradição oral, e se dá como um meio de interpretação da memória. Segundo Verson e Pedro (2012), sua construção se configura como a

observação participante, que consiste em um método para elaborar um discurso sobre um grupo cultural, ou espaço particular, ou um problema social, possível pelo envolvimento da pesquisadora no universo proposto para a pesquisa, e de momentos de descrição e análise da experiência de observação, posicionando aquilo que foi interpretado dentro de um contexto cultural mais amplo. (VERSON; PEDRO, 2012, pp. 129-30)

Nos anos 1920, Lucian Febvre e Marc Bloch, entusiasmados pelas novidades da Antropologia, “anunciaram uma perspectiva historiográfica informada por métodos e conceitualizações emprestados de outros campos disciplinares: a Escola dos Annales”²

² “Escola dos Annales”, ficou conhecido porque tal grupo se organizou em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de história econômica e social), no qual eram publicados seus principais trabalhos. Os dois principais nomes da fundação desse periódico eram Lucien Febvre e Marc Bloch, e seus principais objetivos consistiam no combate ao positivismo histórico e no desenvolvimento de um tipo de História que levasse em consideração o acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica e realizasse um novo tipo de abordagem. (FERNANDES, [s.d.]). Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/escola-dos-annales.htm> >.

(Fernandes, [s.d.]) que tinha como proposta justamente a colaboração interdisciplinar, mostrando que as fronteiras entre as áreas são mais fluídas do que aparentam. Essa conexão retorna para a história. O uso da oralidade e da narrativa, além do uso de fontes documentais e escritas, propõe que “não há memória sem temporalidade e o próprio conceito de historicidade” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 131). Esse movimento acerca da oralidade, tanto na Antropologia quanto na História, trouxe novas possibilidades ao permitir explorar as experiências de pessoas comuns e acontecimentos da vida privada.

Na história oral, observa-se um campo onde se pode adentrar mais na questão das experiências vividas, de forma datada e historicizada. Podemos dizer sobre a história oral que:

(...) é um campo que se propôs originalmente como interdisciplinar, pois articula análises da oralidade amparada nos arcabouços teóricos da história, da literatura, da antropologia, da linguística, da psicanálise. A partir da técnica da entrevista, a história oral se configurou como metodologia propositora de um novo entendimento acerca da memória como fonte histórica, mostrou as diversas temporalidades que destroem a linha do tempo política, colocou em evidência o tempo subjetivo. (VERSON; PEDRO, 2012, p. 132)

E assim como colocado por Thompson (2002, p. 9), a história oral se dá através da escuta das pessoas e pelo registro de suas lembranças e experiências, possibilitando a interpretação da história de mutáveis sociedades e culturas. E esse trabalho de escuta, fazendo do rememorar um processo, coloca como tarefa a coleta de informações, mas não como final estratégico. e sim como uma ação tática que seja sucedida da interpretação “como a pessoa que nos fala reconstrói a própria subjetividade, como percebe a si própria e como percebe o olhar da Outra, como se formula a partir de identificações, como ela entende o modo como se tornou o que é.” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 136)

Por fim, Thompson (2002, p. 22) coloca que esses depoimentos combinam dois tipos de conteúdo. Um deles pode fornecer uma grande quantidade de informações que se atém aos fatos, como local onde a pessoa viveu, sua estrutura familiar etc. E o outro também sustenta a marca da força moduladora da memória e também da consciência coletiva e individual, que também faz revelações acerca das lembranças.

2.3. Memória na Psicologia Social

O campo da Psicologia social agrega outros horizontes ao tema da memória. Para Thompson (2002, p. 12) “os historiadores orais podem ganhar muito na interpretação das

histórias de vida que registram se forem sensíveis às questões psicológicas”. É importante destacar que não se busca esgotar o tema da memória na Psicologia Social, mas construir uma base para o entendimento do trabalho em geral.

memória s.f.³

10. FISILOGIA/PSICOLOGIA

faculdade de conservar as modificações sofridas pelo organismo com possibilidade de reproduzir a ação que as provocou.

13. PSICOLOGIA

função geral que consiste em reviver ou restabelecer experiências passadas com maior ou menor consciência de que a experiência do momento presente é um ato de revivescimento.

"m. auditiva"

14. PSICOLOGIA

termo geral e global que designa as possibilidades, as condições e os limites da fixação da experiência, retenção, reconhecimento e evocação.

É possível, também, fazer uma análise com o subsídio da psicanálise freudo-lacanianana.

Podemos dizer que:

a memória do sujeito se dá pela impregnação de marcas, ou seja, pela impressão de significantes no inconsciente do sujeito. Assim, para a psicanálise, a memória para ser trazida à lembrança deve ser antes esquecida e só depois pode ser “acionada”, inconscientemente pelo sujeito, de modo que ela possa ser significada na relação com outros significantes no momento de sua emergência. (ANDRADE; ALMOZARA, 2016, p. 6)

Assim se constituem os “acontecimentos”, as marcas acionadas pelo sujeito de modo “involuntário”, ou seja, o acesso ao “arquivo” subjetivo é de natureza inconsciente e como tal é o inconsciente que chama tais “impressões” à presença, pois são processos que se formam no momento de sua emergência (ANDRADE; ALMOZARA, 2016). Seguindo a visão anterior podemos fazer uma análise da memória na Psicologia e em uma análise freudiana:

a memória constitui-se no aparelho psíquico do sujeito e se dá em etapas que se relacionam e se sucedem (percepção – registro – inconsciência – pré-consciência – consciência), embora não obrigatoriamente seguindo todos os passos, já que nem toda percepção do mundo, das coisas, dos fatos, se transforma em uma representação (campo do inconsciente), pois seu registro pode se submeter a um recalçamento (não

³ Definições de Oxford Languages.

ser simbolizado) ou ser “esquecido”, sofrendo um processo de “rearranjo” quando acionado pelo sujeito em um determinado momento, tornando-se, então, “lembrado”. (ANDRADE; ALMOZARA, 2016, p. 50)

A memória humana não é, então, uma reprodução das experiências passadas; mas uma construção, que se faz a partir das vivências cotidianas em função da realidade, com o apoio de recursos - materiais e imateriais - proporcionados pela sociedade e pela cultura (SÁ, 2007). Na obra de Celso Pereira de Sá (2007), encontra-se os destaques de cinco princípios unificadores da memória social, mas aqui nos ateremos a três deles: o primeiro, exposto anteriormente, do caráter construtivo da memória social; o terceiro, que sustenta “que a construção, a manutenção e a atualização da memória social, mesmo em suas manifestações mais pessoais, estão na dependência da interação e da comunicação sociais” (SÁ, 2007, p. 291); e o quarto, que “propõe que memória e pensamento sociais estão intrinsecamente associados e são praticamente indistinguíveis” (SÁ, 2007, p. 291).

O terceiro princípio, no qual associa-se a Psicologia com a Comunicação, vemos o conceito sugerido por Connerton (1993) que, nas colocações de Halbwachs, segundo Sá (2007), o que é chamado de “memória coletiva poderia ser explicado em termos de fenômenos de comunicação (...). O princípio unificador da construção social da memória implica uma consideração explícita da interação e da comunicação como processos construtores.” (SÁ, 2007, p. 291). A Comunicação, então, cumpre um papel importante na constante criação e elaboração de nossas memórias, e mesmo na difusão das mesmas a partir de conversas e relatos. Para a abordagem psicossocial da obra, destaca-se que, para Sá (2007), “são tais interação e comunicação – intra e/ou intergrupais, erudita e/ou de massa – que, pelo seu caráter atual, dão fundamento à tese da reconstrução do passado em função das necessidades e interesses do presente”.

O quarto princípio, ligado ao anterior, propõe em termos gerais que “o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele.” (SÁ, 2007, p. 291). Como já argumentado por Halbwachs, o simples fato de sabermos sobre alguns acontecimentos, mesmo sem nenhuma lembrança deles, é suficiente para sua incorporação à memória (SÁ, 2007). Assim, a bagagem da memória vai sendo feita e desfeita, sempre com objetos que se combinam e fazem sentido juntos.

Por fim, a obra pontua a importância de sustentar uma explicação psicossocial, pois a parte sócio-cultural da memória “envolve a consideração não apenas de processos de construção sociocognitiva da realidade, mas também de modelação de interesses – uma variável de cunho nitidamente afetivo – e sentimentos em um dado conjunto social” (SÁ, 2007, p. 292). Temos

um movimento dialético entre os pontos externo e interno do sujeito, que tanto afeta o meio quanto é afetado por ele.

2.3.1. Memória social

Como colocado anteriormente, o interesse e o sentimento desempenham um papel no processo construtivo da memória social (Sá, 2007) e nesse espaço iremos analisar o termo segundo pontuações do autor. É importante ressaltar que as categorias não são mutuamente excludentes e, como colocado por Sá (2007), acredita-se que todas as memórias colocadas na obra atendem aos requisitos unificadores do campo da memória social em uma perspectiva psicossocial, sendo esses requisitos: seu caráter construtivo; sua natureza simultaneamente social e psicológica; sua dependência estreita da comunicação e da interação social; sua imbricação com o pensamento social e sua dinâmica afetiva.

A sistematização a seguir, feita por Sá (2007), tem como base uma sistematização anterior feita por Jedlowski (2000, 2001, 2005, *apud* Sá, 2007), entre memória coletiva, memórias comuns, memória social e memória pública. Diferenciando-se de Sá (2007, p. 292), na medida em que, para este, a memória social é “o inteiro conjunto dos fenômenos ou instâncias sociais da memória”, conferindo, assim, um caráter abrangente para o termo. É importante salientar que a adjetivação “social”, para o autor, parece ser a mais adequada, inclusive destituindo o termo de sua caracterização sociológica como uma “‘memória da sociedade’, a qual (...) é contemplada pelas variadas noções de acervo e de patrimônio – cultural e histórico, material e imaterial.” (SÁ, 2007, p. 292)

2.3.1.1. Memórias pessoais

As memórias pessoais, embora cunhadas dessa forma, são concebidas como resultado de um processo de construção social, e não como algo estritamente individual. Sendo assim, o termo “memórias pessoais” é aqui usado para designar “aqueles atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um (...), que se localizam num passado pessoal e a ele se referem” (CONNERTON, 1993, p. 26, *apud* SÁ, 2007, p. 292). Elas se enquadram no espectro da memória social, pois as lembranças referidas são do passado dessa pessoa,

envolvendo também fatos sociais, culturais ou históricos de que ela tenha participado, testemunhado ou simplesmente ouvido falar (SÁ, 2007).

2.3.1.2. *Memórias comuns*

As memórias comuns abarcam “as lembranças que são comuns a conjuntos mais ou menos amplos de pessoas que não se mantêm necessariamente em interação e que, portanto, não chegam a discuti-las ou a elaborá-las coletivamente” (SÁ, 2007, p.293). Podem ser vistas quanto coleções de muitas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto, com construção independente umas das outras.

2.3.1.3. *Memórias coletivas*

Um conceito tradicional, contido na obra de Halbwachs (1950/2004), designa as memórias que, em seu processo de construção, “são objeto de discursos e práticas coletivas por parte de grupos sociais razoavelmente bem definidos” (SÁ, 2007, p. 293). É importante também pontuar a atualização do pensamento Halbwachs por Jedlowski (2001, p. 33, *apud* SÁ, 2007, p. 293), que define a memória coletiva como “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros”. E assim o destaque à configuração da memória coletiva:

a referência à memória nos limites de um grupo – que tem um começo histórico, do qual nem todos os membros participam com a mesma intensidade, em relação ao qual as pessoas podem ingressar ou sair, que pode sofrer transformações e até acabar – continua a proporcionar um recurso teórico bastante conveniente para explicar a formação, a manutenção e o eventual desaparecimento de memórias coletivas. (SÁ, 2007, p. 293)

As memórias coletivas então dependem de uma unidade celular para sua existência, algo materializado em um grupo, que vai se moldando com o tempo, se mantendo ou se findando. Nessa ótica psicossocial, as memórias coletivas constituem focos adequados de estudo, como por exemplo “variadas memórias grupais específicas (de famílias, de associações, de grupos de pares, etc.)”, assim apontado por Sá (2007, p. 293)

2.3.1.4. *Memórias históricas documentais*

Por “memória histórica” busca-se explorar a complexidade da memória com a história, pensada em duas modalidades – documentais e orais. Ela, segundo Sá (2007), consiste nos mais variados registros e traços do passado – documentos, em sentido amplo – que se encontram disponíveis a qualquer membro de uma dada sociedade, sob a forma de monumentos públicos, de manifestações culturais diversas e assim por diante.

2.3.1.5. *Memórias históricas orais*

Neste ponto, é abordado a memória com a história não escrita, considerando os fenômenos de memória social que constituem as fontes não documentais com que lida a história oral (SÁ, 2007). O autor ainda destaca que para o psicólogo social o que mais importa é o “processo e com as circunstâncias segundo os quais tais memórias são construídas, reconstruídas ou atualizadas por conjuntos sociais mais ou menos amplos e, por diferentes critérios, suficientemente circunscritos” (SÁ, 2007, p. 294), em detrimento da confiabilidade das fontes ou da preservação dos relatos, como é feito na história oral.

2.3.1.6. *Memórias práticas*

Essa categoria contempla a memória implicada nas práticas sociais performativas. Connerton (1993, *apud* SÁ, 2007, p. 294) separa essas práticas em “práticas de inscrição”, que correspondem aos recursos externos de armazenagem e recuperação da informação, e em “práticas de incorporação”, onde a memória é acumulada e sedimentada no próprio corpo humano, manifestando-se através de rituais e de práticas corporais.

2.3.1.7. *Memórias públicas*

Memória pública é, para Jedlowski (2005, p. 93, *apud* SÁ, 2007, p. 294), a memória da esfera pública, entendida esta como “o campo da vida nas modernas sociedades democráticas onde as crenças dos cidadãos acerca dos assuntos políticos são discutidas”. Nela, conseguimos observar mais claramente as relações entre poder e memória.

2.4. Memória de território

A memória de território se faz necessária para analisarmos de forma científica a inserção do sujeito no espaço, e entender como as configurações, que foram construídas no passado e continuam ecoando no presente, afetam a construção e o protagonismo de algumas narrativas. Assim como colocado por Luiz Carlos Flávio (2013, p. 126):

Questionamos a questão de que a História pode ser apropriada a partir de discursos/representações de grupos sociais hegemônicos os quais buscam “vender” seus discursos para toda a sociedade, convencendo os segmentos sociais em geral de que as formas de produção do território aplicadas desde o passado foram “benéficas” para todos os homens/grupos que dela (sociedade) fazem parte.

Ilumina-se, então, um tipo de narrativa: a do grupo dominador, que marca, também, a dinâmica de apropriação do espaço geográfico. Importante pontuar o termo da memória segundo Bosi (1997, *apud* FLÁVIO, 2013, p. 131) onde a mesma não pode ser vista como conservação do passado, ela deve ser considerada como trabalho sobre esta matéria-prima, sendo, então, a *re-construção* desse passado, e não apenas sua conservação. Assim, essa narrativa é tida como memória “oficial” da História, colocada para todos os grupos e, como pontuado por Flávio (2013, p. 129), o “trabalho de construção da memória é trabalho que serve às estratégias incorporadas pelas práticas, conflitos e tensões que marcam as relações sociais produtoras de territórios e territorialidades sociais”. Assim, a memória pode ser concebida enquanto elemento fundamental para a realização do território, que nos permite perceber:

A questão de um trabalho empenhado em produzir uma memória a partir do crivo de relações de poder que agem no território. Permite-nos levarmos em conta as disputas e litígios envolvidos em sua produção e que tentam criar um sentido de direito, legitimidade e soberania de um povo/grupo sobre outros povos/grupos, garantindo a manutenção/reprodução de certa concepção mantenedora de determinada hierarquia social. (FLÁVIO, 2013, p. 133)

Assim como podemos observar relações sociais de dominação, essas mesmas relações serão reproduzidas no espaço das disputas territoriais. Na atualidade, temos, então, essa dominação, por via de regra pontuada por Flávio (2013, p. 134), vinculada ao empreendimento capitalista, onde os poderes “hegemônicos empreendem mecanismos voltados ao controle do Estado e das políticas territoriais em seu bojo definidas, tanto quanto dos pensamentos formadores de opiniões dos trabalhadores”. Portanto, esse controle da narrativa histórica também permite a esses segmentos o controle geográfico.

É importante destacar o papel da História nesse contexto. Ela pode ser empregada também para manipular, para justificar dominações, legitimar ordens e poderes vigentes, controlando, assim, o espaço social. Porém, a História apresenta uma outra face, que é composta “de diversos grupos que constroem suas memórias elaboradas pelas pessoas em suas experiências de vivências coletivas” (FLÁVIO, 2013, p. 135). Portanto, venerar fatos parciais do passado representa venerar grupos específicos, os quais estabelecem uma hegemonia de memória e assim “a História oficial, que passa a ser ‘a’ História, é a história dos vencedores.” (CHAUÍ, 1987; RICOEUR, 2000, *apud* FLÁVIO, 2013, p. 136).

Muitas memórias coletivas são marginalizadas, silenciadas e, na prática, resultam na exclusão de classes sociais na participação de determinados direitos e espaços. É necessário destacar a colocação de Martins (1992, *apud* FLÁVIO, 2013, p. 138) ao lembrar que a História tem sido escrita do centro para a periferia, e justamente por isso a periferia desaparece ou raramente comparece nos registros oficiais da história/memória do Brasil. E se resgataremos os pensamentos de Marx, assim como faz Flávio (2013), podemos afirmar que essas movimentações e tensões têm como objetivo eliminar a história, pois eliminar a análise da luta e dos antagonismos de classes significa eliminar a própria história.

Importante contrapor que essa dominação não é passiva, e a questão territorial, com relações de dominação e rebeldia, disciplinarização e atitudes de contrapoderes, traduz-se por toda essa dinâmica social, pois o território é arena de disputas de poder (Flávio, 2013). Justamente essa disputa permite borbulhar e subir à superfície os fatos esquecidos. Sobre essa colocação de Flávio (2013), podemos lê-la como um momento de nova história, ou seja, o outro lado da moeda, elucidado por Peter Burke (1992, p.10-16 *apud* Nassar, 2012, p. 114) como “uma corrente que incorpora novos temas, novos protagonistas, novos ângulos e, principalmente, novas formas de escrevê-la, a história oral e narrativa, que não procura a objetividade total.”

2.5. Memória na Comunicação

O conceito de comunicação traz a ideia de tornar comum, partilhar, comungar. Para haver o compartilhamento, os envolvidos inevitavelmente têm de estar *em relação*, como afirma Cogo e Nassar (2011). Vale olharmos para a Comunicação enquanto um campo multidisciplinar, assim enriquecendo nossas análises e percepções do mundo.

Neste capítulo, a forma e a propagação das memórias são de maior interesse. A Comunicação tem em suas bases a possibilidade de impulsionar e potencializar discursos e as narrativas. Em sua forma escrita ou oral, gera verdadeiras histórias que têm a possibilidade de se tornarem públicas. A área de Comunicação se apresenta enquanto oportunidade da perpetuação e divulgação das memórias.

Como destacado em outros momentos, é importante pontuar o papel da história oral nesse contexto, a que “recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas, ao mesmo tempo, ativa uma memória coletiva, pois, à medida em que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado” (OLIVEIRA, 2004, p. 44, *apud* COGO; NASSAR, 2011, p. 10). Assim, as histórias coletadas e socializadas com a sociedade por meio da Comunicação têm um grande impulsionador, especialmente as histórias e memórias marginalizadas, como são as que trabalharemos posteriormente.

A tradição oral nessa área se dá de forma quase natural. Frochtengarten (2005, p. 374) pontua isso ao dizer que a “resistência da memória oral assenta sobre a necessidade de atribuir algum sentido de permanência à existência dos homens no mundo”. A Comunicação tem o poder de dar vazão à potencialidade das histórias orais, ao organizá-las em materiais atrativos, envolvendo quem os consome.

Podemos entender, então, a área de Comunicação enquanto uma ferramenta política, impulsionadora das narrativas presentes na contação de uma história ou nos relatos de vida. Inclusive, sendo ferramenta dinâmica que permite ter a história como elemento vivo a partir das memórias, como colocado por Nassar (2020) no *Podcast FalAção: Memória e Narrativas na Comunicação Empresarial*.

Essas memórias, no espectro da Comunicação, entendendo também seu caráter inter e multidisciplinar, estão ligados ao falar, ao comunicar e ao difundir. Essas narrativas históricas “não dizem respeito apenas a uma reprodução de acontecimentos, mas, sim, a uma construção que envolve tanto o historiador quanto os códigos socialmente partilhados.” (NASSAR, 2012, p. 116) e também a forma que eles serão colocados a público depois de documentados.

Trabalhar a Comunicação associada à memória possibilita “análises densas de diferentes grupos sociais e traz para o presente não só os fatos vividos objetivamente, mas também as subjetividades dos sujeitos em questão” (BERNARDO, 2011, p. 102). Vale destacar que os “territórios afetivos e organizadores de nossas vivências - as nossas arquiteturas da memória - estão embaralhados ou extintos pela geração de tanta informação”, assim pontuado por Nassar (2012, p. 24) portanto é válido que a Comunicação, enquanto ferramenta

potencializadora, consiga organizar os sentimentos de afeto e pertencimento a partir das narrativas.

2.5.1. Construção de narrativas

Ao analisar tantos meios pelo qual a memória se manifesta, somos levados à construção de narrativas, de histórias, onde as sinapses e as estruturações são feitas. O intuito desse espaço é elucidar algumas questões em relação ao processo de estruturação social das histórias. Assim, podemos iniciar com uma colocação de Bernardo (2011, p. 102), por meio da teoria da narração, ao apontar que “é esse movimento que se busca resgatar, por intermédio do recurso à memória. Procura-se dialogar com a História, não com a oficial, mas com a Nova História, que superou a distinção entre a história apreendida e a história vivida.”

Além da contribuição de Bernardo (2011), podemos também acrescentar a essas elucidações sobre a narrativa um trecho de Todorov (1973, p. 211, *apud* NASSAR *et al*, 2019, p. 8) que a divide em dois aspectos: história e discurso:

Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas, a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.

Assim, é importante refletirmos sobre a atuação das narrativas em nossas vidas, no que diz respeito à *identificação*, visto que algumas lembranças não foram vividas por alguns sujeitos; mas são agrupadas na memória dos mesmos e, justamente por se identificarem com elas tão fortemente, passam a acreditar que realmente as viveram, como pontua Bernardo (2011). As narrativas trazem em suas contribuições o resgate histórico, por meio deste compartilhar materializado pela contação de histórias, cativando os públicos e incentivando-os a refletir sobre os relatos. Segundo Cogo e Nassar (2011, p. 11):

As histórias estão entre as unidades mais básicas de comunicação, porque o homem é socializado pela narratividade, embora possa ser educado pela racionalidade. O papel das histórias, sob uma perspectiva social, foi analisado em campos tão diversos como psicologia, sociolinguística, ciências políticas, história, antropologia, direito e comunicação.

É por meio da construção da narrativa dada pelo entrevistado que entramos no *particular*, como aparece na música “Plano de vô”, de 2014, do cantor e poeta Criolo: “Cada coração é um universo e ainda tem que bombar o sangue”. Afinal, quantas histórias são guardadas na mente e, poeticamente falando, no coração? As pessoas com quem entramos em contato nos proporcionam pequenas imersões em seus relatos, nos quais cada contribuição e cada gesto são pensados, mesmo de maneira inconsciente, para o ato de relatar ao entrevistador. Como colocado por Cogo e Nassar (2011, p. 11), a “fonte oral proporciona a visão individual e subjetiva dos acontecimentos, que entretém constante diálogo com o sentir de um grupo (familiar, local, étnico, nacional) e de uma época”.

Dois pontos finais acerca das narrativas: o primeiro deles é pensar que para existir um modelo de comunicação que seja focado na comunicação eficiente na humanização, é preciso compreender o homem em sua realidade social, assim como colocado por Nassar e Ribeiro (2012). A narrativa também diz respeito ao afeto e ao pertencimento, estendido inclusive ao entrevistador. Essa reflexão é trabalhada por Frochtengarten (2005, p. 367), afinal, o “trabalho da memória conta com o suporte de imagens e ideias, valores e afetos vinculados a grupos sociais junto aos quais o memorialista experimenta algum sentimento de pertença”. O segundo ponto diz respeito a essa virada, na contraposição entre velhas e novas narrativas.

Antes da exposição importante desses conceitos, vale ressaltarmos que o novo tempo implica em relações humanas, em outros momentos refletidas na comunicação e que conferiam ao mundo a sua magia, perdidas em uma fria objetividade das engrenagens das máquinas (NASSAR; RIBEIRO, 2012). Portanto, o segundo ponto vai de encontro a essa reflexão, contrapondo as velhas e as novas narrativas. Essas velhas narrativas se associam à efemeridade; com uma grande carga de conteúdo, que inclusive gera apenas uma sobrecarga informativa; e sem profundidade. Assim, as novas narrativas são “afetivas, qualitativas, envolvente e fixadoras de memórias, com abordagens mais relacionais, significativas e transcendentess” (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p.7), levando à um comunicar que não se restringe apenas a informar; mas constituir interação, troca de mensagens baseadas no sentimento e nas experiências de vida, que no final das contas sejam envolventes e efetivas levando ao íntimo, ao humano).

Assim, mais especificamente em Relações Públicas, é necessário vermos nesse campo “uma dimensão que vai além dos aspectos meramente técnicos e instrumentais, ligados às questões de marketing e de comunicação” (NASSAR, 2012, p. 91), reconhecendo sua capilaridade em outras áreas, sua potência na organização dos públicos e sua capacidade de impulsionar e gerir narrativas que resultem em um sentimento de pertencimento. Interessante observarmos, sob a ótica comunicacional, que “(...) as narrativas históricas não dizem respeito

apenas a uma reprodução de acontecimentos, mas, sim, a uma construção que envolve tanto o historiador quanto os códigos socialmente partilhados.” (NASSAR, 2012, p. 116) Assim, há um compartilhamento comunicacional da memória.

2.6. Construção do sujeito enquanto ator social

Assim, para concluir o ciclo de análise informativa, é importante elucidarmos alguns pontos em relação à construção do sujeito. Para isso, nos basearemos em alguns pontos teóricos de Bourdieu, focando especialmente na área da Comunicação.

Bourdieu, ao reintroduzir o sujeito na estrutura, consegue colocá-lo não mais enquanto um indivíduo, mas, sim, enquanto um “agente” vivendo nos campos dos possíveis. Além do sujeito, teremos como contribuição do autor o *habitus*, que seria a forma de "sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construção do objeto." (BOURDIEU, 1989, p. 62, *apud* LAGO, 2015, p. 734)

Um apontamento que Lago (2015) faz, baseada em Bourdieu (1999 *apud* Lago, 2015), versa sobre o método de entrevista, que nos cabe nesse documento, sobre a efetiva comunicação entre os envolvidos, de fato desenvolvendo o poder de escuta, estabelecendo proximidade, trocas e respeito pela fala, além da questão política e ética inerente à publicação da entrevista.

Para elucidar melhor essa questão, cabe relembrar o conceito de *habitus*:

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso sejam o produto da obediência às regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente desse fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2007b, p. 86, *apud* LAGO, 2015, p. 734).

Assim, o *habitus* não faz o indivíduo desaparecer dentro da estrutura social, já que o “conjunto de suas disposições, que o predispõem para a ação, é interiorizado e exteriorizado em um movimento dialético durante toda sua vida, a partir de posições ‘herdadas’ de classe, gênero, etc, e, também, pelo confronto com outros indivíduos e agentes” (LAGO, 2014, *apud* LAGO, 2015, p. 735). Então, podemos compreender que o *habitus* de Bourdieu não se fecha apenas nas normas, nos valores sociais e ideologias, mas também opera enquanto um sistema classificatório, ou seja:

Ele orienta nossa forma de ver, entender, perceber o mundo e mesmo de identificar o real. Estes esquemas gerativos, apesar de interiorizados subjetivamente, o são também de forma coletiva, o que explica a homogeneidade dos *habitus* subjetivos, de indivíduos, conforme seus espaços sociais. (LAGO, 2015, p. 735) .

Outro conceito trabalhado por Bourdieu que também se relaciona com este trabalho é o conceito de *campos*, que podem ser definidos enquanto “espaços de lutas concorrenciais em que os agentes, munidos de diversos *quantun*⁴ de capital, disputam o direito à legitimidade: não apenas o de ‘falar’ no campo, mas, principalmente, o de determinar o que é legítimo ser falado.” (LAGO, 2015, p. 735). Essa noção de *campo* serve como uma âncora para não esquecermos que nossa “relação com o mundo social é uma construção” (LAGO, 2015, p. 737). Temos uma relação dialética entre o sujeito social e a sociedade, onde o exterior estrutura o agente e o agente molda a estrutura. O *habitus* possibilita um modo de ver o mundo, ter um conjunto de gostos formados e comportamentos definidos, a partir de seu contexto, e essa combinação também molda a identidade do sujeito. É interessante observar que essa troca entre agente e estrutura também é passível de mudança, onde a prática no mundo pode mudar o mesmo:

As classes não são coisas dadas, mas construídas e pensadas dentro do espaço de relações que são os campos sociais, onde agentes distintos ocupam posições distintas – não estão todos no mesmo lugar com as mesmas disposições práticas, mesmo que compartilhem o locus dos dominantes, ou dos dominados. (LAGO, 2015, p. 737)

Assim, para concluir, é possível pensar em mudanças nos *campos*, mas é importante ponderar que “as ações sociais realizadas pelos indivíduos, dotados de disposições constituídas em suas histórias de vida (agentes investidos de seus *habitus*), encaminham-nos para determinadas possibilidades, objetivamente, inscritas no mundo social.” (LAGO, 2015, p. 737). Considerando a perspectiva da memória, essas contribuições permitem a reflexão de como as pessoas se enxergam, do Cangaíba para fora; como o seu jeito de ser é moldado pelo exterior; e mesmo a potencialidade que têm enquanto agentes e sujeitos sociais.

⁴ Quantidade.

3. O BAIRRO DO CANGAÍBA

3.1. História do bairro

Cangaíba é um bairro que possui mais de 136 mil habitantes e uma extensão de 16km²⁵. O documento que constitui o registro mais antigo com o nome do bairro foi feito em 8 de novembro de 1887, e era “um termo de doação de terreno no ‘Cangahiva’, em local denominado ‘Pitas’, no caminho para os ‘campos de Santa Catarina⁶” (Arquivo Histórico de São Paulo, 2010, p. 8). O nome “Cangaíba” vem do tupi e significa “cabeça ruim” ou “dor de cabeça”, segundo Levino Ponciano (2004).

Mas há algo que modifica esse significado carregado no nome do bairro, e que foi descoberto pela historiadora Adriana Lopes em 2019. A professora localizou documentos históricos, datados do século XIX, que apresentam o nome Cangaíba, mudando os significados trazidos anteriormente para “lugar na mata com frutas”. Essa pequena mudança altera o imaginário das pessoas sobre o que seria o bairro em seu momento mais primórdio. O Cangaíba possui um passado de forte influência e vivência indígena, e soma-se também a presença dos imigrantes, especialmente os japoneses, italianos e espanhóis, segundo Ponciano (2004). O local que se enquadra o Cangaíba é descrito no Arquivo Histórico de São Paulo, realizado pela Prefeitura do Município de São Paulo em 2010, da seguinte maneira:

Com início na fronteira nordeste da Penha, a avenida que dá nome ao bairro desce como ladeira íngreme para o vale do Córrego Tiquatira, atravessa o marcante viaduto, e salta sobre o casario. Avança tortuosamente sobre o espigão estreito, dominando o terreno elevado da região e segue rumo ao leste, em direção ao distrito de Ermelino Matarazzo. Como limite, ao norte, o distrito encontra a Avenida Dr. Assis Ribeiro e o Rio Tietê. No extremo sul, os córregos Tiquatira e da Ponte Baixa (este já próximo à Avenida São Miguel) delineiam por fim o atual distrito. (Arquivo Histórico de São Paulo, 2010, p. 3)

O crescimento do Cangaíba iniciou-se com o loteamento de grandes terrenos e, a partir das décadas de 1920-1930, novas vilas foram surgindo, como a Vila Londrina, Vila Rui Barbosa e Vila Mesquita, entre outras. O local favorecia novos empreendimentos e, assim, nas imediações de Cangaíba, a partir da década de 1960, foram crescendo outros bairros.

⁵ Prefeitura de São Paulo em 2010

⁶ Santa Catarina aqui provavelmente faz referência a um ribeirão do mesmo nome, próximo à aldeia de São Miguel

É interessante destacar que o desenvolvimento do bairro teve como um dos marcos iniciais a abertura de um templo religioso, seguindo “um padrão regular em nossas cidades”, pontuado pelo Arquivo Histórico de São Paulo. “É ao redor da capela dedicada a Bom Jesus - alçada em 1957 a Paróquia Bom Jesus de Cangaíba - que se organizou um dos pólos de ocupação do bairro” (Arquivo Histórico de São Paulo, 2010, p. 8). O Cangaíba não tinha estruturas: faltava saneamento básico, água encanada e ruas asfaltadas, deste o início, até a década de 1970, como mostram as figuras a seguir, datadas entre 1950 e 1970.

Figura 1 - Compilado de fotos tiradas na Rua Rocha Fraga, no Cangaíba.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo do século XX, foram realizadas melhorias no bairro, especialmente sobre acessos básicos à saneamento, como a coleta de lixo pedida pelos moradores, uma vez que a taxa sanitária não deixava de ser cobrada afinal esse serviço não era oferecido . Novas

perspectivas de desenvolvimento do bairro foram estabelecidas com a abertura do ramal ferroviário de Poá, em 1930, e com as primeiras indústrias, inclusive as de grande porte, como as que ocuparam a Avenida Ermelino Matarazzo. O estabelecimento da Estrada do Cangaíba como importante via regional, reunindo comércio e serviços, também aponta esse desenvolvimento. Além da ligação, na década de 1980, das marginais do Tietê à Estrada de São Miguel, atualmente Avenida São Miguel. Assim como pontua o documento do Arquivo Histórico de São Paulo (2010, p.11), isso permitiu “avançar rumo ao fim do longo período de isolamento, com a integração do bairro ao tecido urbano da metrópole”.

Em contraponto à esses avanços feito no Cangaíba é válido destacar que os moradores também tiveram dificuldades, provavelmente expressivas, em ocupar a região, como aponta o documento do Arquivo histórico de São Paulo (2010, p. 8):

À proximidade da Penha seriam sempre contrapostos o terreno íngreme e as várzeas do Tiquatira e do Tiête, com seu brejos. As enchentes regulares seriam alternadas com ocorrências extremas, como a grande enchente de 1929, que marca a história paulistana por sua magnitude. Como consequência deste episódio, a Prefeitura autorizou então a isenção parcial de impostos aos estabelecimentos atingidos”

A partir de 1980, vemos no Cangaíba modificações significativas que colocam o bairro em outro momento, gerando, com seus projetos urbanos, impactos tanto regionais quanto metropolitanos. Algumas dessas mudanças foram: em 1981, foi inaugurado o Viaduto Cangaíba, com o trecho do Córrego Tiquatira até o Rio Tiête canalizado; em 1982, inaugurou-se a Rodovia dos Trabalhadores, depois nomeada Ayrton Senna da Silva, e criou-se o Parque Ecológico do Tietê; em 1988, a inauguração da Estação Itaquera permitiu a consolidação da expansão leste da linha metroviária, aguardada inclusive desde 1981 quando a Estação Tatuapé foi entregue, e permitiu melhorar a dificuldade de acesso ao distrito de Cangaíba; em 1989, foi entregue a nova via de ligação até a Avenida São Miguel, permitindo o acesso direto às marginais e a Guarulhos; e, finalmente, em 2005, houve a criação do Campus Leste da Universidade de São Paulo, dando para a região um potencial de influência.

O Cangaíba traz em sua estética, ao longo deste tempo de construções e atualizações, uma mistura de casarios com edifícios residenciais, e, mais recentemente, a tendência de conjuntos residenciais, traço “evidenciado pelas últimas gerações, é o contraste e coexistência de marcas centenárias e passado recente. Um olhar atento sobre o Cangaíba revela traços históricos do bairro e suas relações renovadas conformações realizadas nos últimos 30 anos.” (Arquivo Histórico de São Paulo, 2010, p. 24).

Cangaíba é um bairro antigo que conseguiu se construir a partir da ação dos habitantes, das organizações e também do poder público. Mas sua construção ainda não está encerrada, ele continua se fazendo a cada dia pelas intervenções das moradoras e dos moradores.

3.2. Como o bairro se projeta no espaço público?

Feita a apresentação do bairro do Cangaíba, podemos entrar na dicotomia trabalhada neste trabalho: a projeção do bairro em espaços públicos – nesse caso, as notícias vinculadas ao seu nome – e as vivências e relatos de moradores do Cangaíba, que serão trabalhadas em seguida. Cogo e Nassar (2011, p. 9) afirmam que “a relação de poder pode ser referida a partir do ato comunicativo”, e nos exemplos que trataremos, vemos que a singularidade deste local não está expressa nas manchetes, pois a associação entre notícia e bairro aparece enquanto algo homogêneo e negativo.

Para isto, foram selecionadas quatro matérias recentes de jornais, feitas entre 2016 e 2017, coletadas do portal do G1 e da CBN. Antes de trabalharmos a documentação, é importante explorarmos alguns pontos que tratam de perspectivas históricas. Para iniciarmos a exposição dessas ideias, Flávio (2013) levanta o seguinte questionamento:

(...) as memórias dos grupos hegemônicos fitam impor suas imagens via enquadramentos das memórias dos grupos marginalizados ou excluídos. As memórias “oficiais” passam a serem vistas como sendo a própria História válida para todos os grupos. (FLÁVIO, 2013, p. 127)

O bairro do Cangaíba se localiza na zona leste de São Paulo, próximo à divisa com Guarulhos e aos metrô Vila Matilde e Penha, podendo ser classificado como um bairro periférico. Essas notícias são alguns exemplos de vinculação do bairro à aspectos negativos. Elas não contam inverdades; mas são elas o principal canal de informação e formação de imaginário do bairro. Os registros históricos a respeito do Cangaíba são ainda escassos e seria importante haver atualizações, visto que os últimos dados retirados do site da Subprefeitura da Penha, que também administra o Cangaíba, foram publicados em 2010, dez anos atrás.

Há um contraste entre a história do bairro, as notícias de grande alcance vinculadas ao bairro e os depoimentos coletados, que serão tratados posteriormente. Veremos que, em função das notícias, a imagem mais presente no imaginário dos sujeitos é a de um bairro perigoso, demonstrado na Figura 2 da manchete do G1; abandonado, demonstrado na Figura 3 da

manchete da CBN; e com animais peçonhentos, demonstrado nas Figuras 4 e 5 do G1. Esses são apenas alguns exemplos de notícias vinculadas ao Cangaíba.

Figura 2 - Manchete do G1: “Rua do Cangaíba, na Zona Leste de SP, tem dez furtos em cinco dias”



The image shows a screenshot of a news article from G1. At the top, there is a red navigation bar with the G1 logo on the left and 'SÃO PAULO' in white text on the right. Below this, the main headline is 'Rua do Cangaíba, na Zona Leste de SP, tem dez furtos em cinco dias' in large, bold black font. Underneath the headline is a sub-headline: 'Moradores estão preocupados com onda de crimes; criminosos cometem pequenos furtos para comprar drogas.' Below the sub-headline, it says 'Por G1 SP' and '19/08/2017 20h21 - Atualizado há 3 anos'. To the right of this text are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, LinkedIn, and Pinterest.

Fonte: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/rua-do-cangaiba-na-zona-leste-tem-dez-furtos-em-cinco-dias.ghtml>>. Acesso em: 22 nov. 2020

Figura 3 - Manchete da CBN: “Moradores do Cangaíba denunciam abandono no Parque Ecológico Tietê”



The image shows a screenshot of a news article from CBN. At the top, there is a red navigation bar with 'MENU' and 'AO VIVO' on the left, and the CBN logo on the right. Below this, the date and time are shown: 'TERÇA, 21/06/2016, 08:24'. The main headline is 'Moradores do Cangaíba denunciam abandono no Parque Ecológico do Tietê' in large, bold black font. Underneath the headline is a sub-headline: 'Luis Carlos da Silva Ferreira, presidente da ONG ABC na Boca do Povo, que atua na favela Caixa d'Água, a maior comunidade do distrito, diz que a ordem das mães é não fazer nenhuma atividade no local.' Below the sub-headline, it says 'DURAÇÃO: 5:02'. To the right of this text are social media sharing icons for Facebook, Twitter, YouTube, and others. At the bottom of the article preview is a photograph of a dilapidated building with graffiti on its wall.

Fonte: <<https://cbn.globoradio.globo.com/grandescoberturas/seu-bairro-nossa-cidade-sp/2016/06/21/MORADORES-DO-CANGAIBA-DENUNCIAM-ABANDONO-NO-PARQUE-ECOLOGICO-DO-TIETE.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2020

Figura 4 - Manchete do G1: “Moradores reclamam de escorpiões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro”



G1 SÃO PAULO

Moradores reclamam de escorpiões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro

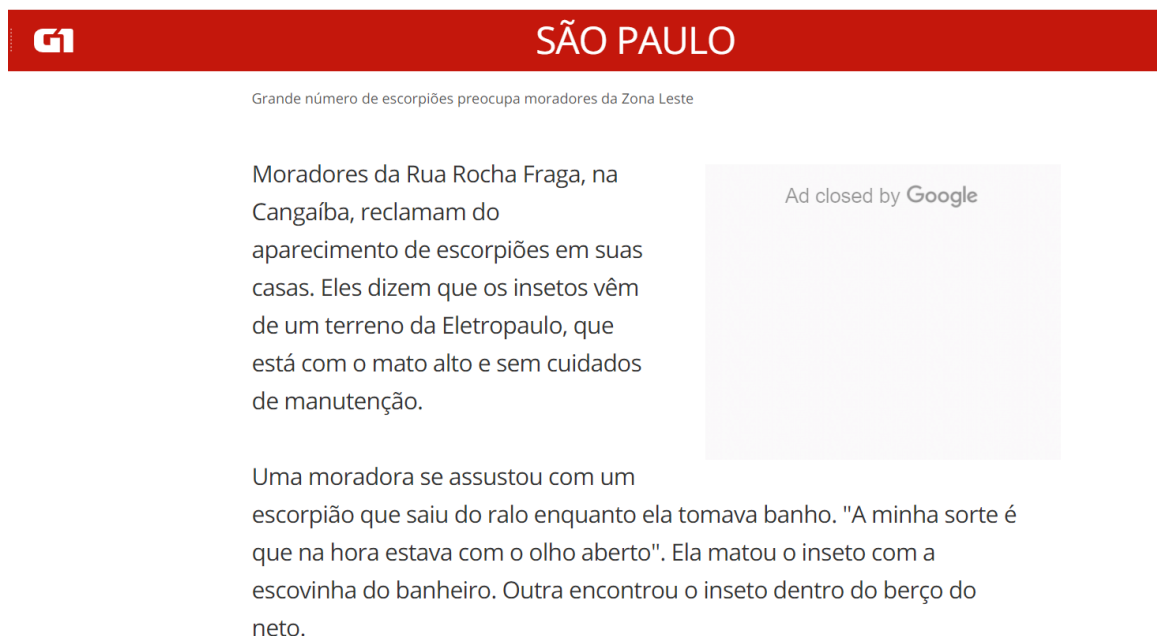
Este ano já foram registradas 682 reclamações na prefeitura sobre escorpiões.

Por SP1
27/12/2017 12h01 - Atualizado há 2 anos

[f](#) [t](#) [w](#) [l](#) [p](#)

Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/moradores-reclamam-de-escorpioes-na-zona-leste-mulher-viu-animal-sair-por-ralo-de-banheiro.ghtml>>. Acesso em 22 nov. 2020

Figura 5 - Corpo da matéria do G1: “Moradores reclamam de escorpiões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro”



G1 SÃO PAULO

Grande número de escorpiões preocupa moradores da Zona Leste

Moradores da Rua Rocha Fraga, na Cangaíba, reclamam do aparecimento de escorpiões em suas casas. Eles dizem que os insetos vêm de um terreno da Eletropaulo, que está com o mato alto e sem cuidados de manutenção.

Uma moradora se assustou com um escorpião que saiu do ralo enquanto ela tomava banho. "A minha sorte é que na hora estava com o olho aberto". Ela matou o inseto com a escovinha do banheiro. Outra encontrou o inseto dentro do berço do neto.

Ad closed by Google

Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/moradores-reclamam-de-escorpioes-na-zona-leste-mulher-viu-animal-sair-por-ralo-de-banheiro.ghtml>>. Acesso em 22 nov. 2020

É possível identificar, assim, que a mídia hegemônica agindo enquanto “‘árbitro de acesso à existência social e política’, com um imenso poder de estabelecer efeito do real e de mobilizar construções sociais” (BOURDIEU, 1997, p. 29, *apud* LAGO, 2015, p. 740) serve de apoio para essa construção imagética, que não necessariamente é a mesma imagem que os moradores têm do bairro. Essas memórias devem ser levadas em consideração, na medida em que são relatos históricos e representações de pessoas que vivem cotidianamente no bairro, independentemente dos pontos negativos veiculados pela mídia. Sobre o passado, Flávio (2013, p.125) contribui:

Dentre as imagens, representações produzidas no âmbito do criar, pensar e fazer humanos se destacam aquelas construídas sobre o passado. Estas comportam elementos essenciais que se relacionam com o fazer materializado no tempo presente, ativando as produções/realizações que então ocorrem, dando contornos e configurações aos diversos contextos geográficos. (FLÁVIO, 2013, p.125)

Esses são fatos e problemas reais do cotidiano do Cangaíba, e devem ser identificados e resolvidos. Mas é importante ponderar que a imagem que fica do bairro é a veiculada pelos grandes portais de notícia, tendo por vezes um caráter excludente, não dando vazão a outros assuntos além dos problemas e debilidades do bairro. É possível destacar por exemplo o tema do *agenda setting*, que diz respeito a discussão de assuntos na sociedade a partir do que é trabalhado nos meios de comunicação de massa. Assim “a mídia é um instrumento que constrói imagens do real para os sujeitos, pois estes não têm acesso a todos os acontecimentos do mundo” (MENDONÇA; TEMER, p. 198, 2015). Não é possível que essas sejam as únicas perspectivas do bairro que serão compartilhadas, considerando-o homogêneo, emblocado. Para inverter essa lógica, é válido considerar que:

Escavar os “territórios de memória” pode ser uma forma de contribuir para humanizar as práticas políticas que demarcam as forças, campos e lutas no contexto social. Pode ser um contributo para inaugurar contrapoderes, denunciar injustiças, revelar meios de romper o status quo, cuja presença interfere negativamente na humanização das relações entre os homens e grupos, e destes em relação aos patrimônios histórico, cultural, ambiental etc. (FLÁVIO, 2013, p. 140)

Assim, essa escavação dos “territórios de memória” torna-se o foco para os relatos de vidas que são deixados pelo caminho, e memórias que se caracterizam enquanto manifestações, tanto individual quanto coletiva, que carregam em si lembranças específicas de pessoas ou grupos a respeito de fatos e eventos (FLÁVIO, 2013, pp. 134-5). A memória é, inclusive, elemento afetivo, guardando “o que interessa às pessoas e grupos em particular” (FLÁVIO,

2013, p. 135), e a esse afeto não cabe mais continuar marginalizado e longe do que é público e compartilhado.

3.3. Entrevistas com moradores

A inspiração em Ecléa Bosi deu-se depois da escolha do tema deste trabalho, porém, é importante ressaltar a delicadeza e a potência que essa inspiração traz. Ecléa debruçou-se em oferecer protagonismo a públicos invisibilizados. O mesmo se insere na proposta deste trabalho. Como colocado por Paul Thompson (1992, *apud* NASSAR, 2012, p. 115), o depoimento de vida “tem como principal atributo (...) a força de fazer aflorar os depoentes, as memórias que trazem as experiências e de alto valor para cada indivíduo”.

Os moradores dos bairros periféricos e afastados dos centros das cidades têm suas histórias esquecidas, e somente ressuscitadas de forma rasa quando o assunto são os problemas locais. O bairro e as pessoas passam a ser um bloco homogêneo. O foco principal deste capítulo é inverter essa lógica, com a estruturação de entrevistas, pondo em prática o protagonismo dos sujeitos, por meio de pequenos relatos. As entrevistas foram realizadas com quatro pessoas do bairro do Cangaíba, especificamente moradoras antigas. A conversa foi guiada pelo roteiro de perguntas a seguir:

1. Apresentação (nome, idade, quanto tempo mora/está no bairro).
2. Qual sua relação com o bairro?
3. Como foi crescer e/ou se desenvolver aqui?
4. Qual a primeira memória que vem à mente quando dizemos Cangaíba?
5. Como eram as coisas quando você chegou?
6. O que tem aqui que talvez não tenha em outro lugar?
7. Uma história curiosa, engraçada, que te marcou vivendo aqui.
8. Quais impactos e/ou características que você talvez identifique que foram moldadas aqui?
9. Como e por onde se desenvolveram seus relacionamentos vivendo aqui?
10. Quais pontos você não gosta e quais pontos você gosta do Cangaíba?

Além dessas perguntas de cunho exploratórias, também foi pedido a cada uma que deixasse um recado final a quem estivesse assistindo ao seu vídeo. Esse momento de

compartilhar, que o entrevistador e o entrevistado têm, é algo quase divino, “uma chamada para a significação da experiência” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 125). A maior parte do que se capta é observável e analisável, podendo-se amparar “nos estudos sobre a memória, em análises de narrativas, na interpretação daquilo que é lembrado e esquecido, nos contraditos e nas repetições, na elaboração de significados, nos modos de dizer.” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 125)

Ecléa Bosi, em uma entrevista dada à Haroldo Ceravolo Sereza⁷, pontua que “a nostalgia é um direito do cidadão”, e de fato deve ser, pois é a partir da rememoração que os sujeitos podem se entender enquanto agentes que têm a possibilidade de modificar a realidade, além de quebrar a homogeneidade, oferecendo uma saída plural, pública e ampla, afinal “a história não existe; só existem histórias” (VEYNES, 1979, p. 29, *apud* NASSAR, 2012, p. 113). História que privilegia apenas um lado, onde os tidos “vencedores” recebem a atenção principal. Em uma comparação com a memória, feita por Cogo e Nassar (2011, p. 5), podemos destacar que:

A história é a reconstrução, por vezes problemática e incompleta, do que não existe mais e demanda análise e discurso crítico típicos de uma operação intelectual, e a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente que instala a lembrança no sagrado.

Assim, levando em conta esse caráter de elo sempre atual entre passado e presente, a ideia é que esse conteúdo se materialize em um canal de comunicação e difusão. Dessa forma, é possível que os relatos de vida tomem rumos amplos entre mais moradores, criando uma cadeia de afeto e pertencimento, além de, inseridas nessas novas tecnologias, criar-se “espaços em que possam fluir os sentimentos e os sonhos dos indivíduos, dando a eles espaço para participar, dar ideias, dialogar e co-criar o novo mundo”, como colocado por Nassar e Ribeiro (2012, p.7).

“A memória não é fixa, ela tem um movimento específico: sai do presente vai ao passado e retorna ao presente. Esse movimento é o seu próprio tempo que por sua vez, é o reversível.”, segundo Bernardo (2011, p. 101). Portanto, as entrevistas possibilitam o uso da memória enquanto ferramenta potencializadora e impulsionadora, não apenas como um resgate do passado, mas também enquanto combustível para a construção do presente e, conseqüentemente, do futuro.

⁷ SEREZA, Haroldo Ceravolo. ‘A nostalgia é um direito do cidadão’, dizia Ecléa Bosi. Opera Mundi. Disponível em: <<https://blogs.operamundi.uol.com.br/agora/a-nostalgia-e-um-direito-do-cidadao-dizia-ecllea-bosi/>>

3.4. Sujeito no espaço

Afeto e pertencimento são efeitos que a memória pode gerar nos sujeitos, ela “representa uma forma de participação dos homens no domínio político”, como pontua Frochtengarten (2005, p. 373). Inclusive, o autor também destaca que a memória oral se coloca contra o isolamento humano, no sentido que conglomerar os pontos em comuns dos ouvintes, gerando identificação, pois quando “habita o campo compartilhado por narrador e ouvinte, o passado de um homem ingressa no regime de inteligibilidade de outros homens, aproxima-se do passado do grupo” (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 373).

Ecléa Bosi faz um reflexão acerca da memória, que para ela é um instrumento de resistência, uma vez que, sendo usada enquanto uma ferramenta potencializadora, ou seja, não rememorando o passado em uma ação passiva, e sim enquanto uma base propositiva, pode ser transformadora.

Neste momento, cabe a análise do sujeito em seu recorte de localização, em seu espaço. Destaca-se também que o trabalho da memória e as lembranças dependem de inúmeros fatores, “desde o lugar que indivíduo ocupa na hierarquia social, até como se encontra a vivência do presente” (BERNARDO, 2011, p. 101). Assim, retomando os conceitos de Pierre Bourdieu, expostos anteriormente, podemos relacionar esses fatores ao conceito de *campo*, no qual teremos tanto uma estrutura que impõe aos agentes certas formas, quanto esses mesmos agentes, atuando conforme é esperado pelo lugar que ocupam, mantendo ou mudando a estrutura e mesmo o conceito de *habitus*, condicionante e condicionador, produto da experiência individual, da experiência coletiva e a ação dialética entre as duas.

Esse entendimento contextual serve de apoio para um olhar para o interior e para o exterior desses sujeitos, rompendo com a ideia de homogeneização do espaço, mais especificamente do bairro do Cangaíba. Com o apoio da memória e da narração, tem-se o debate sobre o vivido alargado e a conservação de um mundo acolhedor de olhares, geralmente impedidos de ascender à condição política (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 372).

O reconhecimento do sujeito enquanto agente no seu espaço, em sua estrutura, que é afetado por ele e também o afeta, muda o paradigma de passividade e oferece aos moradores do Cangaíba o protagonismo e a importância, assim, “é como que uma performance em que a palavra, associada à ação, permite ao homem mostrar quem ele é” (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 372). “De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o

passado”, como assinala Frochtengarten (2005, p. 368). E, a partir dessa construção, temos a conexão do passado com a memória, da memória com o ser e do ser com a sua identidade.

3.5. Memória e identidade

Os conceitos de identidade e memória caminham juntos, afinal “toda identidade pessoal é residente na memória” (NASSAR, 2012, p. 123). Essa parte do capítulo se dedica a esse elo entre os dois conceitos, de forma introdutória, principalmente com base na obra “Memória e identidade”, de Joël Candau. Inicia-se as reflexões a partir dessa contribuição de Candau (2019):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2019, p. 16)

A contribuição da memória tem grande importância na construção da identidade do sujeito, fazendo parte de como ele se entende e se identifica no mundo. Consequentemente, a perda de memória gera, portanto, uma perda de identidade. (CANDAU, 2019, p. 59). A memória, segundo Candau (2019), está presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana, e seu acesso é possível a partir das lembranças que são revividas. Essa ideia do acesso à memória e à construção da identidade se relaciona com o conceito bourdiano de *habitus*, tendo como referencial que “o *habitus* como experiência incorporada é uma presença do passado - ou no passado - ‘e não a memória do passado’.” (BOURDIEU, 1997, p. 251, *apud* CANDAU, 2019, p. 23)

Sobre a identidade, especificamente, é válido destacar que:

Identities não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de ‘traços culturais’ - vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio-situacionais - situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas. (CANDAU, 2019, p. 27)

Essa constante construção partindo de diversos estímulos que o sujeito sofre constrói sua memória e, consequentemente, sua identidade, que é mutável e moldável. “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e

cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAU, 2019, pp. 59-60). Partindo das memórias, é possível que o sujeito leia o mundo e interaja com ele. A maneira dinâmica da memória parte da lembrança, que é, portanto, “algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem (imago mundi), mas que age sobre o acontecimento (anima mundi), não integrando a duração e acrescentando o futuro do passado.” (CANDAU, 2019, pp. 66-67).

Relacionado ao objeto de estudo, sendo esse a história e o protagonismo dos moradores do Cangaíba, é possível refletir sobre o papel da memória nos sujeitos a partir desta contribuição de Candau (2019, p. 68):

Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-lo do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe rosto, uma identidade.

Ao analisar a realidade do bairro, pode-se perceber que os sujeitos têm sua memória, seus nomes e sua identidade, mas a ideia com essa contribuição é refletir acerca do apagamento que os moradores enfrentam, a partir das vinculações do bairro às notícias negativas. A ideia de homogeneidade e emblocamento presentes nessas notícias só iluminam os problemas do Cangaíba. Então, quando há esse processo de rememoração e resgate da memória e da identidade de quem cotidianamente constrói o bairro, se tem o renascimento colocado por Candau (2019). Mais que apenas dar nome, é necessário que haja a conservação da memória dessa nomeação (CANDAU, 2019, p. 69). Sustentar essa ideia de compartilhamento, de contar uma história, sendo também um momento de criação, “é o processo de criação mesmo da história que cria a estrutura mnemônica que conterà a essência dessa história para o resto da vida. Falar é recordar” (SCHNCK, 1995, p. 181, *apud* CANDAU, 2019, p. 71).

A memória, então, pode ser colocada enquanto uma “arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio” (CANDAU, 2019, pp. 72-3). Esse declínio seria o adeus e a queda no esquecimento. É possível pensar na manutenção da memória e em sua existência em outras pessoas. Não a memória de quem não mais está aqui, mas sim a memória de outras memórias nos aqui presentes, mantendo o legado e a história viva, assim como é visto no Dia dos Mortos no México, representado na animação da Pixar “Viva - a vida é uma festa” na qual, de forma descontraída, é mostrada como essas memórias e as pessoas se mantêm “vivas” quando são acionadas nas lembranças.

Essa construção da memória e manter viva a identidade se faz a partir da transmissão. “Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em

apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo.” (CANDAU, 2019, p. 118). E é o trabalho coletivo da memória, que vem desde sua origem, que alimenta esse sentimento de identidade:

Quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo. Por essa razão, a totalização não é uma soma, ao contrário ao que acredita o narrador. (CANDAU, 2019, p. 76)

A fim de concluir esse capítulo, pensando em um contexto amplo e global, que aponta para uma cultura mundial homogeneizada, é essencial o fortalecimento das raízes locais, “um sentido de raízes, de identidade comum e de comunidade pode ser crucial para permitir a ação social local” como colocado por Thompson (2002, p. 27).

4 MUDANÇA DE FOCO

O ponto chave desta contribuição acadêmica é explorar a história do bairro Cangaíba, a memória e o protagonismo de seus habitantes, a partir da história contada por eles, além de entender como viver no bairro as constrói. O foco constantemente vinculado ao Cangaíba parte primeiro de notícias, sendo o principal canal de conhecimento geral do público sobre o bairro. A imagem que se tem do local, a partir dessa única vinculação mais ampla, é de que nele apenas tem espaço a violência, o abandono e os problemas de saúde pública, como a aparição de animais peçonhentos. Sem dúvidas, essa é uma das facetas do bairro. Porém, não é possível trabalhar com o território enquanto bloco homogêneo, “o Cangaíba”, mesmo por que, como pontua Lago (2015, p. 736):

A distribuição desigual de capital específico do campo resulta em uma separação entre os agentes ortodoxos, aqueles que possuem mais capital, e os heterodoxos, os que possuem menos capital, que se traduz em lutas entre os que querem manter sua posição e os que lutam para desacreditar essas posições, imprimindo nova concepção de legitimidade. O campo, portanto, não é um espaço homogêneo, ao contrário. Dentro desses *loci* existe uma luta perene para garantir e/ou subverter os espaços e posições ocupadas pelos agentes em confronto.

No bairro, também há histórias, sonhos, vivências e vidas construídas. São sujeitos, se reconhecendo enquanto agentes no espaço, que vivem e constroem diariamente onde moram e também merecem que seus nomes sejam citados, suas experiências sejam conhecidas, e que seu bairro, por vezes abandonado, possa receber luz e palco, assim como merecem outros tantos bairros periféricos silenciados.

4.1. Sentimento das entrevistadas

O ato de falar tem suas dificuldades. Não somos colocados para elaborar nossas vidas, nem nossa história. Pontua-se, antes do resultado das entrevistas, essa colocação de Candau (2019, p. 132):

A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz com a tradição. A primeira tem uma preocupação em ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca fundir-se nele.

A memória se relaciona com a história, mas não tem que ser, necessariamente, fiel a ela, isso não significando que quem conta está dizendo inverdades, mas sim suas lembranças e constatações dos fatos vividos a partir de sua ótica, afinal “a credibilidade de uma história é resultado de uma experiência legitimamente vivida, que transmita valores, esperanças, intenções, aprendizagens, escolhas” (NASSAR, 2012, p. 157). E sobre esse ato de contar suas lembranças, Nassar (2012, p. 124) pontua:

Esse turbilhão de lembranças do sujeito, estimulado pelo pesquisador, por um objeto, por uma pergunta e pela possibilidade de uma narrativa desvinculada de um objeto prático, que traz um reencontro com um passado feliz ou importante, ou com uma comunidade de destino, é o que podemos definir como sentimento de pertencer ou de pertencimento.

O resultado que as narrativas têm no material são a geração de afeto e de pertencimento. Esses dois sentimentos têm impactos concretos na vida das pessoas, e esse momento de entrevista é um momento de “um ouvir especial, um encontro de idiomas culturais, um lugar compartilhado” (VERSON; PEDRO, 2012, p. 130). Sobre as entrevistas, portanto:

Não se trata de uma retirada de informações, mas de interpretar como a pessoa que nos fala reconstrói a própria subjetividade, como percebe a si própria e como percebe o olhar da Outra, como se formula a partir de identificações, como ela entende o modo como se tornou o que é. (VERSON; PEDRO, 2012, p.136)

As entrevistas, anexadas no **Apêndice**, foram realizadas com quatro moradoras do Cangaíba: Marlene, Izilda, Ivone e Solemar, mostradas nas Figuras 6, 7, 8 e 9, respectivamente. Todas são antigas moradoras do bairro. Se não nasceram nele, foram para lá muito novas. No momento da entrevista, é importante considerar que essa intervenção atuará enquanto uma nova narrativa, construída a partir do afeto, do humano e do transformador. Portanto, é imprescindível “compreender comportamentos, estabelecer relacionamentos e preocupar-se com as pessoas, com leveza e humor, entendendo seus sonhos e buscando a interação e o compartilhamento de suas ideias (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p. 8).

Figura 6 - Fotografia de Marlene



Figura 7 - Fotografia de Izilda



Figura 8 - Fotografia de Ivone



Figura 9 - Fotografia de Solemar



E assim se deram os encontros. Com muito respeito e tempo de escuta. Foram feitas as mesmas dez perguntas mais o momento de despedida, e é interessante observar que cada uma tem seus momentos no Cangaíba, suas primeiras lembranças, mas o que todas têm em comum é o amor e carinho pelo bairro. A maior parte, senão toda a vida, foi vivida nele. São depoimentos históricos e emocionantes.

A escolha de mulheres acima de 60 anos não foi mera coincidência. Assim como a História é escrita do centro para a periferia e, portanto, secundariza ou apaga as vivências dessa última, o mesmo acontece com as histórias das mulheres. Trata-se de uma decisão consciente de dar, a partir dessas quatro entrevistas, protagonismo às mulheres que viveram em média mais de meio século no Cangaíba, ao passo que, dentro desse recorte, trazem o protagonismo de um grupo historicamente oprimido e, nessa equação, invisibilizado. Quanto mais recortes de opressão são feitos, sejam eles de classe, raça e orientação sexual, mais secundarizadas e apagadas serão as vivências e vidas desses grupos, assim afastados do poder, inclusive do de se comunicar.

Interessante destacar que nas quatro entrevistas todas as moradoras externalizaram seu gosto e amor pelo bairro. Marlene destaca sua relação de carinho com o bairro: “E eu amo Cangaíba! O Cangaíba é um bairro tranquilo, tem suas dificuldades não resta a menor dúvida né, mas é um bairro tranquilo”. Conta que, como chegou no bairro em 1957, pode acompanhar e crescer junto com o bairro. De seus 81 anos, 60 deles foram vividos aqui. Vinda de Minas Gerais construiu sua vida toda aqui e reconhece na fala as dificuldades vividas pelo bairro mas pontua que “o Cangaíba vai meio devagar mas ele vai vai chegar na história dele!”, além de, no final de sua entrevista, que as pessoas amem seus bairros e lutem por eles. Assim foi feito pelos moradores mais antigos no bairro.

Outro momento importante das entrevistas é quando contam sobre a infância no bairro, em especial nas entrevistas de Izilda e Solemar. Izilda, nasceu no Cangaíba e atualmente com 66 anos, lembra saudosamente de suas amigadas e brincadeiras, além de memórias vividas com a família, como ir com sua avó lavar as roupas na bica, pois naquela época não tinha água encanada no bairro, e olha para esses momentos com saudade: “Hoje você passa por lá e olha assim não é mais nada daquilo, não existe mais. Isso daí era gostoso, era diferente né, a gente ia lá no Goulart buscar água”. Ela diz, na entrevista, que gosta de tudo no bairro e que vive em paz no Cangaíba, ressaltando no final que as relações com os vizinhos são importantes, e deseja “que todo mundo viva e aprenda a ter muito amor pelo outro porque hoje em dia, antigamente um se preocupava com o outro”.

A comparação do bairro entre antigamente e os dias atuais é praticamente inevitável. Faltava muita estrutura no tempo narrado pelas entrevistadas: o chão era terra vermelha, não tinha asfalto, nem saneamento básico. E para Ivone, que tem 61 anos e mora no Cangaíba há 43, destaca esse desenvolvimento atual: “Pra mim é perfeito, tem tudo. Ainda tem até o Parque Ecológico né, que antigamente nem isso não tinha, não tinha diversão nenhuma aqui. O Parque Ecológico é desde 1984, eu já morava aqui. Frequentava muito lá, agora hoje em dia não né

porque é muita poluição”. O bairro ainda tem o que melhorar, mas a mudança daquele tempo para os dias atuais é bem perceptível para elas.

Mesmo que duas das quatro entrevistadas não tenham nascido no bairro, todas destacaram seu desenvolvimento e crescimento no Cangaíba. Solemar, está a 60 anos no bairro, compartilha que foi o lugar que acolheu seus pais, muito humildes, e que proporcionou a eles a casa própria. Então, para ela a relação é de muito amor, além de morar hoje onde era a casa de seu avô, por quem tinha muito carinho, aumentando, assim, seu apego emocional não só à casa, mas também ao bairro. A história curiosa compartilhada por Solemar é que Betinho, irmão de Henfil, ficou escondido no Cangaíba na época da ditadura, pois, ela relata, “era um lugar tão abandonado, tão largado que nunca ninguém nem se preocupou de procurar o Betinho aqui”. E acredita que a característica de ser muito afetuosa foi desenvolvida no bairro: “abraçar todo mundo, beijar todo mundo, de querer ter contato com as pessoas, de querer ter festas e diversões não sei o que, eu acho que eu tenho justamente porque eu nasci aqui e isso, é, tá na minha veia, tá dentro de mim, de querer sempre ter muita gente perto de mim”.

Surge, nas entrevistas, especialmente de Solemar, uma surpresa ao saber que este trabalho se debruçaria sobre o bairro do Cangaíba, um bairro pobre e simples, assim colocado por ela, e completa que considera especial esse outro olhar dado ao Cangaíba pelas entrevistas, pois talvez o bairro possa ter esse “outro lado da moeda” compartilhado com mais pessoas. “Sem o passado, perdemos o sentido da vida”, coloca Nassar (2012, p. 206), afinal, é nessa presença do passado no presente e no futuro que nos mantém caminhando e formando quem somos e onde estamos.

Todos os espaços geográficos guardam em si memória e histórias, fragmentadas em seus moradores, e não é diferente nos bairros periféricos. Esses agentes guardam histórias e essas mesmas histórias:

“são guardiãs de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetos de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final em seres outros, diferentes e melhores do que no início.” (MACHADO, 2004, p. 15, *apud* NASSAR, 2012, p. 156)

Cabe também à Comunicação, enquanto ferramenta política, impulsionar as vozes dessas pessoas – que têm seus espaços de compartilhar renegados – para que possam se sentir parte do todo, rompendo, em parte, com sua marginalização.

4.2. O papel do protagonismo

Qual papel cumpre esses sujeitos serem visto enquanto agentes, tanto para eles mesmos quanto para fora de seus espaços? Dar nome e conservar as memórias dessas pessoas aflora o sentimento de importância, em um contexto geral. Esse resgate das memórias, passando pela construção da identidade, têm um impacto real em suas vidas. Nassar (2012, p. 161) relata a experiência do projeto Memórias Ecanas, mas podemos refletir sobre, adaptando sua contribuição para o objeto deste trabalho:

Os vídeos resultantes (...) denotam a importância desses registros, demonstrando a transformação da memória em história, revelando significados, afetos, empatias e valores. Esse tipo de ação comunicacional acaba por registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos dos indivíduos que possuem uma ligação muito grande e afetiva com a instituição, transmitindo uma identidade extremamente positiva, uma vez que a pessoa não apenas fala bem, como discursa de forma transparente e verdadeira, já que a evidência oral “contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.” (THOMPSON, 1992, p. 137 *apud* NASSAR, 2012, p. 161)

Assim, a história oral alinhada aos vídeos aproveita não só os relatos, mas também as expressões corporais, a forma de gesticular, como o corpo ocupa seu espaço naquele momento, como o sujeito se porta quando é pedido para compartilhar sua vivência e suas histórias. Thompson (2002) faz ponderações sobre os dispositivos multimídias, se eles poderiam ser aliados ou empecilhos nesse processo da memória. Ele pontua que os “dispositivos de multimídia têm um potencial especial para integrar som, imagens visuais e texto, e eles podem ser um importante caminho de atração para uma audiência mais jovem” (THOMPSON, 2002, p. 26-7). É comum, atualmente, vermos investimentos em relatos de memórias nas plataformas sociais da internet, como o Instagram, o Facebook e o Youtube, gerando o sentimento de partilhar e pertencer nesses ambientes virtuais. Um bom exemplo é o perfil no Instagram “Histórias de Ter.a.pia” (@historiasdeterapia), no qual diversas pessoas compartilham suas histórias, os vídeos são gravados enquanto elas lavam a louça e atualmente conta com 196 mil seguidores. Esse será o caminho seguido por esse projeto, dar vazão a essas histórias, por meio de uma rede social dinâmica como o Instagram.

Assim, “a história valoriza o sentimento de pertencer” (NASSAR, 2012, p. 203) e, além disso, ressignifica o olhar de quem assiste e de quem compartilha as memórias, para que possa se ver e ser visto enquanto agente importante no sistema social vivido. O compartilhar dessas sensações, lembranças e experiências mostra ser o morador quem faz a história, ele é o protagonista.

4.3. Um novo olhar para o Cangaíba

Parafraseando a contribuição de Nassar (2012) acerca do tema das entrevistas, mas considerando o cenário do Cangaíba, podemos afirmar que gerará um contínuo desenvolvimento da identidade do bairro ser conhecido pela narração que as entrevistas, no presente caso, dizem sobre ele, revivendo seus valores, gerando e promovendo a sua imagem. Assim, mostram uma nova perspectiva e cativam outros públicos não moradores. Esse novo olhar surge no sentido de as pequenas histórias individuais alcançarem uma experiência coletiva (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p. 10), e esses relatos, mesmo embrionários, mudarem a maneira como as pessoas veem o Cangaíba, ao conhecerem essa perspectiva adicional, a partir da valorização e do protagonismo dos moradores. “O afeto é condição fundamental para cuidar, preservar, selecionar fatos, pessoas e lugares na história e, assim, não deixar que se transformem em ruína” (NASSAR, 2012, p. 160) e esse deve ser o guia para o partilhar dessas histórias de vida, não só no Cangaíba, mas em outras regiões de periferia que também têm sua existência resumida apenas aos aspectos negativos. E que essas mesmas vivências não sejam pequenas; mas possam ser engrandecidas para que cada vez mais pessoas entrem em contato com elas.

Esses “relatos são criações narrativas com espontaneidade” (COGO; NASSAR, 2011, p. 10), são verdadeiros, afetivos, geram a sensação de pertencimento, representam as novas narrativas. Não deve haver mais espaço para velhas narrativas, que não se conectam da forma mais pura e autêntica com os sujeitos. As novas narrativas são “mensagens capazes de quebrar o automatismo e de causar mudança de inconsciência e de consciência, gerando envolvimento, interações e, sobretudo, ricas experiências e emoções” (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p. 7). Além disso, por essa metodologia baseada na contação de histórias, é possível:

também captar a atenção das pessoas, difusa na pós-modernidade. Ao contarem suas histórias e a serem escutadas, as pessoas se sentem reconhecidas, e através delas, é possível compreender comportamentos, constituir relacionamentos e diálogos onde a leveza, a intimidade e a emoção podem prevalecer. (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p. 9)

A Comunicação é o instrumento que dá vazão para pensarmos em caminhos alternativos das narrativas, tornando o processo mais democrático e plural, e assim retirar o aspecto homogêneo que a definição do Cangaíba tem estampado nas notícias. Thompson (2002, p. 28) pontua:

Aprender a ouvir é uma habilidade humana fundamental: para aqueles que importam, a história oral está aí para nos ajudar a compreender melhor nossos passados e para criar memórias nacionais muito mais ricas, mas também para nos ajudar a construir um futuro melhor, mais amável, mais democrático.

Demos, então, um pequeno passo para efetivar o protagonismo desses sujeitos que vivem no bairro. Pensando em um contexto mais amplo, porém, mesmo que de maneira embrionária, é um passo significativo desejar partilhar novas narrativas sobre o Cangaíba, inclusive as que são ocultadas pela mídia hegemônica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado nesta monografia, foi possível discutir os conceitos de memória em várias áreas de estudo, bem como conceitos de construção de narrativa, construção do sujeito enquanto ator social e as relações entre memória e identidade. O ponto do qual parte essa reflexão se constrói pela secundarização das histórias de quem vive em bairros periféricos, e no recorte deste trabalho: o Cangaíba.

Assim, partindo desta combinação interdisciplinar, tornou-se viável entender a potencialidade que essas intersecções proporcionam ao campo da memória, das narrativas e do sujeito. Para que a memória se mantenha viva, é necessário que ela continue sendo reinterpretada, sendo importante o momento da fala como o da escuta, se construindo coletivamente tanto no ato de ser criada, quanto no momento da transmissão.

A narrativa atua enquanto construtora de relações, transmitindo as histórias orais, sendo possível, por meio dela, que se estabeleçam os sentimentos de afeto e de pertencimento. Nessa construção viva da memória, se tem também a relação íntima com a construção da identidade. Memória e identidade vão construindo, dinamicamente, o sujeito em seu espaço social.

Os registros históricos do Cangaíba ainda são escassos e estão abaixo do que poderia ser relatado e construído. Os elementos que circulam vinculados ao bairro têm, normalmente, uma perspectiva ruim, são notícias que destacam seu lado precarizado. Porém, o bairro é muito mais que isso. Um espaço físico delimitado por linhas acordadas guarda muito mais que problemas. Ele tem histórias, vivências, aprendizados, vidas e, especialmente, pessoas.

Usar da Comunicação para dar protagonismo e lugar a essas pessoas é algo poderoso e precioso, trazendo o rosto de quem vive aqui, com suas lembranças, como se construíram e como tem o bairro em sua memória. Dessa forma, esta monografia questiona a homogeneização do Cangaíba, oferece uma saída plural, pública e ampla, justamente ao contrapor as entrevistas às notícias, e também um canal para propagar a voz de quatro mulheres, grupo que também sofre com a secundarização e apagamento de suas histórias.

Portanto, a partir das entrevistas gravadas em vídeo, foi possível utilizar a memória enquanto ferramenta potencializadora, ainda de forma embrionária, desse protagonismo, fazendo um resgate do passado e também uma construção do presente e do futuro. E, assim, a publicização das entrevistas por meio de uma rede social impulsionará uma cadeia de afeto e pertencimento entre mais moradores, da mesma forma como atuam alguns grupos fechados do bairro, por exemplo.

As entrevistas, dessa forma, servem de apoio para a construção de uma nova perspectiva e visão, ou seja, um novo olhar para o Cangaíba, onde essas pessoas moram, vivem e constroem cotidianamente suas vidas. Deve-se pensar nessa rememoração não enquanto ação passiva; mas como uma base propositiva com potencial para transformar o local em que atuam, para que, utilizando dessa relação passado, memória, ser e identidade, os sujeitos possam fortalecer os vínculos e relações com a comunidade e o espaço em que vivem.

As limitações encontradas na produção desse trabalho foram: dificuldade material, tanto de capital humano quanto as condições de isolamento; mais tempo de diálogo para aprofundar as entrevistas; e o número e a diversidade dos entrevistados e entrevistadas. Além disso, não ser possível fazer uma exploração mais ampla acerca dos diversos conceitos de memória aplicados com mais detalhes no objeto de estudo.

Essa monografia contribui para a construção de uma nova perspectiva e um novo olhar de um bairro periférico, como o Cangaíba, utilizando a Comunicação enquanto ferramenta impulsionadora das histórias dos sujeitos, permitindo assim torná-las públicas e auxiliar o processo de construção do protagonismo. Este trabalho não esgota as possibilidades do tema, mas permite a ação em um bairro e em uma população que tem sua vivência invisibilizada.

Assim, as Relações Públicas têm um papel político e grande potencial nas temáticas sociais, sendo uma ferramenta que dá voz e pode fomentar essa mudança de paradigma. Está em sua competência olhar para públicos que possuem menos oportunidades e são mais desfavorecidos, fazendo com que suas existências no mundo também sejam contempladas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Righi de; ALMOZARA, Paula Cristina Somenzari. **A construção da memória do sujeito contemporâneo a partir de arquivos-monumentos.** Revista Rua, Campinas, v. 1, n.22, Jun. 2016, pp. 45 -62.

BERNARDO, Teresinha. **Memória: suas possibilidades nas Ciências Sociais.** Revista Aurora, n.11, 2011, p. 100-103.

BOSI, Ecléa. **Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados.** Revista Pesquisa, Ed. 218, abr. 2014. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/ecllea-bosi-narrativas-sensiveis-sobre-grupos-fragilizados/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

Cangaíba, luz e movimento. História do Bairro. Pedro Dantas. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=yyEMTLuFfVo>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

CBN. **Moradores do Cangaíba denunciam abandono no Parque Ecológico Tiête.** Jun. 2016. Disponível em:<<https://cbn.globoradio.globo.com/grandescoberturas/seu-bairro-nossa-cidade-sp/2016/06/21/MORADORES-DO-CANGAIBA-DENUNCIAM-ABANDONO-NO-PARQUE-ECOLOGICO-DO-TIETE.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

COGO, Rodrigo; NASSAR, Paulo. **Comunicação e memória organizacional: o poder da contação de histórias.** V Abrapcorp, 2011. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_rodrigo_paulo.pdf>. Acesso em 27 nov. 2020.

CRIOLO, Plano de vôo. São Paulo: Oloko Records, 2014. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/6r80uMmdZFmxR2FL0Tq1Jx?highlight=spotify:track:1ejYUNuO8OII17XNKaBOsN>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

DIAS, Michel Aires de Souza. **Pierre Bourdieu: espaço social e a construção da nossa visão de mundo.** 10 abr. 2017. Disponível em: <<https://filosofonet.wordpress.com/2017/04/10/pierre-bourdieu-espaco-social-e-a-construcao-da-nossa-visao-de-mundo/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FERNANDES, Cláudio. **Escola dos Annales.** Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/escola-dos-annaes.htm>>. Acesso em 27 nov. 2020.

FLÁVIO, Luiz Carlos. **A Geografia e os “territórios de memória”** (as representações de memória do território). v.15, n.21, Jan/Jun 2013, pp. 123-142.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A memória oral no mundo contemporâneo.** Revista Estudos Avançados, v.19, n.55, set./dez. 2005.

G1. **Moradores reclamam de escorpões na Zona Leste; mulher viu animal sair por ralo de banheiro.** Dez. 2017. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao->

paulo/noticia/moradores-reclamam-de-escorpioes-na-zona-leste-mulher-viu-animal-sair-por-ralo-de-banheiro.shtml>. Acesso em 27 nov. 2020.

G1. PM aposentado é baleado por ladrões vestidos de gari em ‘saidinha de banco’ na Zona Leste. Nov. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/11/08/pm-aposentado-e-baleado-por-ladros-vestidos-de-gari-em-saidinha-de-banco-na-zona-leste.shtml>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

G1. Rua do Cangaíba, na Zona Leste de SP, tem dez furtos em cinco dias. Ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/rua-do-cangaiba-na-zona-leste-tem-dez-furtos-em-cinco-dias.shtml>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

Historias de Ter.a.pia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/historiasdeterapia/?hl=pt-br>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

INFOLESTE. **Historiadora descobre erro em nome de bairro da Zona Leste.** 2019. Disponível em: <<https://www.infoleste.com.br/bairros/historiadora-descobre-erro-em-nome-de-bairro-da-zona-leste/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LAGO, Cláudia. **Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação.** Porto Alegre: UFRGS, n. 34, p. 728-744, set./dez. 2015.

MENDONÇA, Rhayssa Fernandes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social.** Comun. & Inf., Goiânia, v. 18, n. 1, p. 192-207, jan./jun. 2015.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; POMARICO, Emiliana. “Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.” *In: Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações* [S.l: s.n.], 2019.

NASSAR, Paulo; RIBEIRO, Emiliana. **Velhas e Novas Narrativas**, 2012, 2, art 6. Disponível em <<http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/artigo-6-revista-8>>. Acesso em 27 nov. 2020.

NASSAR, Paulo. **Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações.** 3. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2012.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Sobre Memória e Sociedade.** Revista USP, São Paulo, n. 98, p. 87-94, jun./jul./ago. 2013.

Podcast FalAção: **Memória e Narrativas na Comunicação Empresarial.** Entrevistado: Paulo Nassar. Entrevistador: André Felipe de Medeiros. [S.I]. Aberje, 27 de abril de 2020. Podcast. Disponível em https://open.spotify.com/episode/39UvlehcO9zAwUaoEh7Oxn?si=t-uNiNLOTaGEXDKPFy_G4A. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

PONCIANO, Levino. **São Paulo: 450 bairros, 450 anos. 2004.** SP Bairros. Distritos & Bairros, Zona Leste, Cangaíba. Disponível em: <<https://www.spbairros.com.br/cangaiba/#:~:text=O%20nome%20Canga%C3%ADba%20ve>>

m%20do,%3A%20japoneses%2C%20italianos%20e%20espanh%C3%B3is.>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Cangaíba, a história**. 2010. Disponível em: <<https://issuu.com/ahsp/docs/cangaiba-uma-historia>>. Acesso em 27 nov. 2020.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial**. p. 290 - 295, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **História dos Bairros de São Paulo**. 2007/2008.

TERRA. **No distrito de Cangaíba, luto ainda é rotina**. Out. 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/no-distrito-de-cangaiba-luto-ainda-e-rotina,8d4db2f7c2f376f00b0589c548de8f53g6u64u70.html>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, n.5, p. 9-28, sem. 2002.

VERSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia**. História Oral, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012.

APÊNDICE

Entrevista com Marlene Azevedo

Realizada no dia 21 de novembro de 2020

Apresentação (nome, idade, quanto tempo mora/está no bairro).

Meu nome é Marlene, eu sou mineira mas me considero uma paulista de coração! Moro aqui no Cangaíba nesta rua há 60 anos! Eu estou aqui desde 1957. Gosto muito daqui, quando cheguei aqui não tinha não tinha assim melhoramentos nenhum, a gente não tinha água encanada, não tinha luz assim na rua assim. Era tudo muito difícil, a condução muito difícil tinha que ir longe para pegar condução. Em comparação do tempo que eu cheguei aos dias de hoje isso aqui um paraíso! (risadas)

Qual sua relação com o bairro?

Olha minha relação com o bairro é bom porque quando a gente ama a gente gosta de tudo né! E eu amo Cangaíba! O Cangaíba é um bairro tranquilo, tem suas dificuldades não resta a menor dúvida né, mas é um bairro tranquilo. Onde eu moro me dou bem com a vizinhança, são boas pessoas, todas as pessoas assim idôneas. Gosto muito do Cangaíba!

Como foi crescer/se desenvolver aqui?

Aqui aqui assim ô (esqueci seu nome) ô Juliana a gente, eu cresci junto com o bairro porque eu cheguei aqui eu tinha, deixa eu ver quantos anos, nem me lembro, era mocinha ainda. Quer dizer hoje eu estou com 81 anos então eu cresci e desenvolvi junto com bairro né porque só aqui nessa rua eu moro há 60 anos. Igual você imagina 60 anos atrás aqui não tinha nada né. Era praticamente uma vilinha né sem melhoramentos nenhum sem sem nada de conforto. Hoje não, hoje é um bairro grande, nós temos bastante conforto, temos muita condução, temos todas as melhorias que um morador deseja aqui no Cangaíba eu tenho.

Qual a primeira memória que vem à mente quando dizemos Cangaíba?

Deixa eu pensar. Olha o que foi marcante, como eu já disse anteriormente, quando eu cheguei aqui não tinha nada, o que foi marcante é que vem a lembrança da gente tudo, todo, aquele aquele nosso nosso tempo de início do bairro como de agora. Que agora o Cangaíba tá bem desenvolvido então aquele aquele aquele passado das dificuldades da falta de

melhoramento, de água encanada, de esgoto de rua, dessas coisas tudo passaram. Hoje eu vejo o Cangaíba como uma flor, eu sou suspeita porque eu amo o Cangaíba! (risadas)

Como eram as coisas quando você chegou?

A rua, as ruas não tinha asfalto. A Avenida Assis Ribeiro era praticamente um caminho, sem asfalto, assim sem melhoramento nenhum, água de poço, a gente a gente não tinha um posto de saúde, a gente não tinha condução. A condução era o trem né que tinha e um ôníbuszinho que chamavam ele de poeirinha, que levava a gente até Engenheiro Trindade, em Engenheiro Trindade a gente descia e depois passava para um outro ônibus para poder terminar o trajeto da gente né e não tinha assim supermercados, eram vendinha, as ruas não eram asfaltadas, a escola era uma só, era bem bem carente, bem carente. Eu cheguei aqui parece em 57, em 57, nessa mesma rua.

O que tem aqui que talvez não tenha em outro lugar?

Ah nós temos um Parque Ecológico né! (risadas) Que esse Parque Ecológico era Chácara dos Japoneses que plantavam verduras e lagoas, que morria muita gente né, inclusive morreu um vizinho nosso, aí ali dos alemãozinhos e do Buzi. Ele morreu morreu afogado nas Lagoas porque o pessoal vinha pra tomar banho nas lagoas. E depois foi desapropriado e foi então foi então feito o Parque Ecológico, que é nossa área de lazer que a gente tem aqui, muito boa por exemplo. E também melhorou bastante a condução, agora temos condição bem farta, temos os “trem”, que é, que interage com o metrô e tudo né, melhorou bastante, muito mesmo.

Uma história curiosa, engraçada, que te marcou vivendo aqui.

Olha, história engraçada eu não me lembro. Tem um fato, é triste, não sei se pode falar. Foi quando houve um desastre de trem aqui na estação de Engenheiro Goulart. Eu não me recordo o ano, já faz muitos anos, em que ficaram engavetados os trens né. Vinha um do Brás e um de São Miguel e chegando aqui na estação eles chocaram. E naquela época o Cangaíba era como eu falei anteriormente, não tinha nada, não tinha condução, nem nada né. Então houve muitas mortes, principalmente o pessoal de Ermelino que vinha sempre no primeiro no primeiro vagão, aí morreram bastante gente. Eu me lembro desse caso triste mas assim uma coisa interessante assim, não me recordo, não me recordo não. Tem o Cruzeiro lá tem. Morreu bastante gente, muita gente morreu ali. Os moradores antigos lembram bem desse fato. Então o ano não me recordo não.

Quais impactos/características que você talvez identifique que foram moldadas aqui?

Como que eu respondo isso, deixa eu ver. Bom, nesse tempo aqui que eu moro aqui no Cangaíba, que são muitos anos né, a gente teve contato com muitas pessoas que chegaram também nesse nesse mesmo tempo, muitas pessoas já se foram, as crianças cresceram, uma coisa que eu sempre eu sempre fico recordando, que eu olho, você mesmo, já conheci sua mãe menina né então principalmente aqui nesse meu trequinho aqui, que eu moro aqui que são 60 anos morando na mesma rua, a gente viu as crianças crescerem, casarem, terem filho, os filhos deles casarem, sendo os avós e as pessoas que lutaram e batalharam para melhorar o bairro né. Muita gente, muita gente, trabalhou para melhorar o bairro e aquela dificuldade assim de encontrar quem ajudasse nesse trabalho né. Mas quanto com as lutas, com os movimentos na igreja, para melhorar melhorar o Cangaíba a gente foi conseguindo todas as melhorias né, do Cangaíba. E contando assim, não sei se interessa contar isso, ali na Igreja Bom Jesus Cangaíba tinha o Doutor Gilberto, que ele agora ele agora, Gilberto (é né Gilberto?), que ele agora ele não está aí mas ele ele ficou lá durante 40 anos atendendo o povo de graça, e ainda tem esse trabalho até hoje com médicos voluntários trabalhando para atender o povo. Então o Cangaíba vai meio devagar mas ele vai vai chegar na história dele! Agora já tem posto de saúde, tem um aqui, tem lá embaixo tem assim bastante bastante melhorias né mas foi foi bem sacrificado mesmo. Foi uma andar devagarzinho né, devagarzinho, aprendizado, cai aqui, levanta ali até que a gente chegamos aonde estamos.

Como e por onde se desenvolveram seus relacionamentos vivendo aqui?

Bom, as minhas amizades que eu fiz aqui, como eu sou assim, minha religião é católica, tem igreja católica, a maioria das pessoas, das amizades foram através da igreja porque ali se reunia as pessoas pra tá fazer, pra se encontrarem, pra trocarem ideias e tudo, sempre foi assim. Aí depois começou a desenvolver, começou já aparecer assim esses grupos de terceira idade, grupos de senhoras e tudo, aí a gente vai vai expandindo a amizade da gente, o conhecimento da gente né. E os que vêm de fora para orientar a gente também né porque não é só aqui dentro né vem os de fora para orientar os daqui daqui, e os daqui já vai daí já passa pra outros né. Então assim vai desenvolvimento da gente.

Quais pontos você não gosta e quais pontos você gosta do Cangaíba?

Olha, eu acho que vou terminar com o que eu gosto né, porque se a gente fala do que não gosta é a violência mas o Cangaíba não é um bairro violento, tem violência mas não é um bairro violento. A gente tem uma tem uma certa tranquilidade aqui no Cangaíba né então eu gosto eu

gosto de Cangaíba, que eu acho um bairro tranquilo, não é um bairro comercial, é um bairro mais residencial do que comercial então não tem aquele acúmulo de gente assim na rua de confusão nem nada. Temos o Parque Ecológico pro nosso lazer né, temos os grupos grupos de rua que a gente também participa. Tudo isso Cangaíba tem de bom, tem boa assistência tem boa assistência médica, tem posto de saúde que atende bem, tem um comércio razoável mas o Cangaíba é residencial, o Cangaíba não é um bairro comercial.

Despedida

A mensagem que eu deixo para as pessoas que estão assistindo esta esta (o que?) esse documentário é assim, me pediram para falar sobre o bairro que eu moro então vocês que estão assistindo amem seus bairros, não vejam só as coisas ruim que tem, que tem eu tenho certeza que em todo bairro tem coisas, tem mais coisas boas que ruins, a gente que fica assim prestando muita atenção no que é ruim e não vê o que é bom. Amem seus bairros, lutem por eles! Que vocês sejam felizes!

Entrevista com Izilda

Realizada no dia 21 de novembro de 2020

Apresentação (nome, idade, quanto tempo mora/está no bairro)

Meu nome é Izilda Morais Bertoni, eu tenho 66 anos e moro no Cangaíba há 66 anos (risadas)

Qual sua relação com o bairro?

É total né porque eu nasci aqui, me criei aqui, tentei sair fora daqui um tempo mas não consegui, voltei pra cá, fiquei o que 3 meses fora e voltei para cá novamente.

Como foi crescer/se desenvolver aqui?

Foi muito legal porque a infância da gente era tão diferente de hoje em dia que todo mundo é obrigado a ficar dentro de casa trancado. E a gente não, a gente se divertia muito, a gente brincava muito. Estudei aqui, muitas amizades, muita gente diferente, vimos o bairro ir crescendo porque antes era a terra vermelha, hoje tem asfalto, tem esgoto, tem tudo e antigamente não tinha nada disso né.

Qual a primeira memória que vem à mente quando dizemos Cangaíba?

A rua que eu moro ver o crescimento do bairro, ver evolução do bairro né, que hoje em dia quem vê o Cangaíba antigamente, que tem, até postam hoje em dia no Facebook “Quem lembra desse ônibus do Cangaíba?”, aqueles ônibus bem antigo né. E hoje em dia tem a evolução, nós temos uma bela estação de trem aqui próximo, fácil, a condução é muito fácil. Antes tinha que andar muito, a gente tinha que ir lá em cima no Cangaíba, bem lá em cima mesmo, pra pegar condução pra gente ir trabalhar. A locomoção de hoje em dia é bem melhor do que antigamente mas dá saudade daquele tempo né, de antigamente.

Como eram as coisas quando você chegou?

As coisas eram assim, como que eu vou falar. Era coisa bem simples. Era difícil, muito difícil e aqui o que a gente tinha antigamente porque não tinha água encanada, não tinha nada dessas coisas né e aqui tinha muita falta d'água então o que eu lembro é que lá embaixo já chegando quase perto de Goulart tinha uma bica. Então quando a gente pegava as roupas para lavar lá naquela bica, eu ia com a minha avó lá lavar né, as roupas nessa bica. Hoje você passa por lá e olha assim não é mais nada daquilo, não existe mais. Isso daí era gostoso, era diferente né, a gente ia lá no Goulart buscar água, carregava água nas costas, pra poder fazer as coisas porque

por aqui pelo bairro era difícil o poço que tinha água então são lembranças gostosas, são lembranças legais. Que nem aqui na frente onde é o condomínio era um campo de futebol então os pais da gente fazia time, ia lá jogar, a gente tudo ia lá torcer por eles né e saudades de muita gente que já se foi embora né e era essas pessoas que ia lá né. Tanto é que agora que tá mais difícil né, o povo esbanja muita água né! É porque porque não sofreram isso antigamente né.

O que tem aqui que talvez não tenha em outro lugar?

Eu acho que ainda falta alguma coisa aqui né mas tem lugar que a gente passa e fala “Nossa meu Deus que bairro é esse né”, que se vê a pobreza, vê a falta de saneamento e aqui nós temos tudo isso graças a Deus né pela evolução que foi tendo o bairro né. Nós temos tudo isso mas tem lugares que não tem nem a metade do que nós temos né. O asfalto ele chegou 3 de setembro de 1977, que foi o ano que eu casei! A rua tava um barro só porque eles estavam preparando a rua para fazer o asfalto então eu lembro por causa disso entendeu (risadas). Você tem que sair com vestido na cabeça porque a rua não tinha condição de sair de tanta lama vermelha que era a rua (risadas).

Uma história curiosa, engraçada, que te marcou vivendo aqui.

Engraçada, curiosa. Era as brincadeiras da gente na rua, era muito bom. E que nem eu falei do terreno aqui do jogos de futebol, a gente brincava muito ali dentro, de esconde-esconde, mãe na rua, de queimada né. E tem uma história que é muito engraçada. A Vanir morre de medo de bicicleta, ela nunca andou de bicicleta! E a gente tava tudo na rua brincando e Osney, um vizinho aqui do lado também, e ele andando de bicicleta e ela tava com vestido de lese, todo novinho, bonito, aí ela foi fazer graça em frente dele, ele passou com a bicicleta (risadas) Acabou com o vestido dela, a mãe dela quase matou ela (risadas). Que a gente apanhava viu, apanhava bastante.

Quais impactos/características que você talvez identifique que foram moldadas aqui?

É tudo né, Be! Tudo, tudo, tudo, porque tudo a gente viveu aqui né. Você aprendeu tudo aqui.

Como e por onde se desenvolveram seus relacionamentos vivendo aqui?

Muitos relacionamentos meu né porque foi da igreja que vinha tinha o time de futebol que a gente jogava e os rapazes também jogava. Então vinha muita gente de fora aqui, que né, meu marido mesmo ele morava na Vila Aricanduva e foi um rapaz que frequentava a igreja e o grupo que trouxe esse pessoal para cá e aí eles começaram a conviver aqui, era agente da Mooca,

Aricanduva, Penha então eles vinham para cá frequentar o grupo de jovens que a gente frequentava. Então aí teve amizades diferente né de outros lugares, outras coisas e como a gente o grupo de futebol a gente ia jogar em outros lugares também então fazia amizades das comunidades diferentes né. A família da gente só vivia na igreja né, que era as quermesses, as mães da gente trabalhava lá e tudo né então o nosso convívio era a igreja e era onde a gente fazia as amizades né.

Quais pontos você não gosta e quais pontos você gosta do Cangaíba?

Que eu não gosto é difícil, que eu amo esse bairro (risadas). Que eu não gosto, olha, acho que não tem nada assim que eu não gosto. O que poderia ser melhor é em relação à saúde né. Tem um posto, um lugar bem legal para gente ficar melhor né pra a gente, pra a saúde. Então isso é uma coisa que faz muita falta aqui. Agora o que eu gosto é tudo! Sabe por quê? Porque graças a Deus a nossa rua até que tem um pouco de segurança, é um bairro que não é tão assim né, tem perigo, lógico que tem, como em todo lugar. Mas aqui eu acho que a gente vive muito na paz, é muito gostoso, é tranquilo porque você tem amizade muitos anos com os vizinhos todo né então um cuida do outro né. Esse, praticamente, que antigamente as amizades era muito assim né, hoje em dia mas diferente porque a gente vive mais trancado né mas antigamente não todo mundo ficava na rua até tarde conversando. Tinha mais contatos de vizinho um com o outro né e hoje em dia não. Então o que é legal é isso aí que um cuida do outro né, um se preocupa com o outro.

Despedida

Que todo mundo viva e aprenda a ter muito amor pelo outro porque hoje em dia, antigamente um se preocupava com o outro. Hoje em dia é muito difícil uma pessoa se preocupar com a outra então que nós devemos ter mais união entre vizinhos, entre todo mundo, um cuidar do outro porque aí as coisas fica mais simples, mais fáceis. Não se preocuparem que aqui “olha como aquele tá, olha como aquele não tá levar” né. Levar o amor entre todo mundo para que podemos viver em paz e com bastante consciência.

Entrevista com Ivone

Realizada no dia 21 de novembro de 2020

Apresentação (nome, idade, quanto tempo mora/está no bairro)

Meu nome é Ivone, eu moro aqui há mais de 40 anos. Eu circulo no Cangaíba direto né. E eu tenho 61 anos, moro aqui há mais de 40, como eu já falei.

Qual sua relação com o bairro?

Trabalho em casa há mais de 30 anos também e me dou bem com todo mundo aqui no bairro do Cangaíba, circulo sempre pelo Cangaíba, vou sempre no açougue, no mercado, no supermercado, na feira de terça-feira e assim uma vida normal

Como foi crescer/se desenvolver aqui?

Eu mudei aqui eu tinha exatamente 18 anos, aí eu construí aqui né, minha casa, e moro aqui com as minhas filhas. Já também, minha filha mais velha tem 41 anos, a mais nova tem 32 e é assim, vida que segue né. Antigamente eu morava na Penha, na Boeru. Quando eu vim pra cá eu tinha exatamente 18 anos. Na Penha a gente morava de aluguel, meu pai comprou o terreno aqui, construiu e a gente veio morar pra cá.

Qual a primeira memória que vem à mente quando dizemos Cangaíba?

Que o Cangaíba antigamente era muita dificuldade né, pra ir no mercado, era muito morro, era muita terra, era poucas ruas asfaltada. Agora já tá bem evoluído né. Aqui a rua que a gente mora mesmo não tinha asfalto, era tudo terra, as casas era tudo sem calçada, não tinha calçada, agora evoluiu bastante.

Como eram as coisas quando você chegou?

Quando eu cheguei aqui, minha rua mesmo onde eu moro não tinha asfalto, era terra, como eu já te falei. Não tinha capela, era tudo mato, não tinha a rua ali Manoel de Barro, não existia, era um morro, não tinha nada, era tipo um buraco. A Salomão de Vasconcelos também era terra, não era asfaltada, não existia Parque Ecológico, só tinha mesmo a Assis Ribeiro, era uma pista só, não existia Parque Ecológico, não tinha nada.

O que tem aqui que talvez não tenha em outro lugar?

Que tem aqui? Pra mim é perfeito, tem tudo. Ainda tem até o Parque Ecológico né, que antigamente nem isso não tinha, não tinha diversão nenhuma aqui. O Parque Ecológico é desde 1984, eu já morava aqui. Frequentava muito lá, agora hoje em dia não né porque é muita poluição, eu não desço muito lá não.

Uma história curiosa, engraçada, que te marcou vivendo aqui.

Eu lembro que logo quando nós mudamos aqui a Assis Ribeiro era muito, assim, é, não tinha muita gente né, tinha muita casas vazia. Aí meu pai uma vez tava vindo do culto do Goulart e ele foi ver, assim tipo uma assombração né, um vulto correndo atrás dele. E ele correu, correu, correu, até perdeu o rumo de casa aqui, que a gente morava na Penha, ele passou direto aqui e foi parar lá embaixo perto do túnel da Gabriela Mistral. Aí no outro dia que ele foi aparecer, minha mãe ficou até preocupada, falou “o que aconteceu, Melquides?”, ele “ai eu vi uma assombração correndo atrás de mim e eu corri tanto, tanto, tanto que até perdi o rumo de casa, fui parar lá onde a gente morava na Penha” (risadas) Ele chegou no outro dia bem cansado e medroso né, com medo, com os olhos arregalados, minha mãe falou “imagina, é coisa da sua cabeça ou você sonhou”. Ele “não, verdade! Rapaz correu atrás de mim parecia um vulto”. Ele disse que correu muito!

Quais impactos/características que você talvez identifique que foram moldadas aqui?

Quase nada né. Tem quase nada não. Foi muitas casas construídas, que antigamente não tinha e agora tem. Prédio não tinha, agora tem. Teatro não tinha, agora tem. Agora tem bastante coisa. Construí minha família aqui, foi um impacto né.

Como e por onde se desenvolveram seus relacionamentos vivendo aqui?

Meu ciclo aqui de amizade é muito pouco né, que eu trabalho dentro de casa, fico fechada o tempo todo dentro de casa, só saio mesmo na necessidade. E às vezes eu saio no portão, fico sentada, tomando um sol, tomando ar. Às vezes eu tenho até que fazer caminhada mas eu não faço né porque não sobra tempo.

Quais pontos você não gosta e quais pontos você gosta do Cangaíba?

Pra falar a verdade eu gosto de tudo aqui do bairro. Eu fui bem de viver minha adolescência né, eu passei na Penha mas o restante foi tudo aqui. Foi aqui que eu tive minhas filhas, conheci o meu marido por aqui, tive elas, eduquei elas todas aqui. Então pra mim não tem nada assim de anormal não.

Despedida

É assim, tipo assim ó, eu gosto de morar no Cangaíba. Logo quando a gente mudou pra cá a gente não tinha amizade com ninguém né, ficou meio estranho, mas depois que passamos a conhecer a vizinhança toda aí ficou bom! A gente conheceu todo mundo né, ficou de bem de todo mundo aí todo mundo se dá bem. Eu acho um bairro bem legal, agora as coisas estão construindo também né. Depois que eu mudei que surgiu várias coisas, surgiu Parque Ecológico, teatro, prédio, muita coisa, evoluiu bastante.

Entrevista com Solemar

Realizada no dia 23 de novembro de 2020

Apresentação (nome, idade, quanto tempo mora/está no bairro)

Meu é Solemar Amélia Bellato de Souza, eu sou filha de Eugênio Bellato e Nicea de Oliveira Bellato. Eu tenho 60 anos e eu moro há 60 anos aqui nessa rua, nesse bairro. E o Cangaíba ele mudou muito, ele melhorou bastante, eu trouxe até uma foto para mostrar para vocês de como era o nosso, a nossa rua era assim, não tinha nada, não tinha água, não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada, agora tem bastante coisa mas ainda é muito aquém daquilo que a gente pode ter e que o poder público poderia fazer pelo bairro.

Qual sua relação com o bairro?

Tudo que eu construí, construí nesse bairro. A minha relação com ele é de muito carinho porque foi o bairro que nos acolheu. Eu sou de uma família muito humilde, muito pobre, meu pai quando chegou aqui em São Paulo ele tinha 14 anos. Ele tomou uma surra de rabo de tatu do pai dele no interior, ele fugiu e veio parar aqui em São Paulo e ficou escondido numa transportadora no bairro da Penha. Minha mãe era costureira e os dois eram muito pobres e a gente ainda tinha a minha bisavó, que tinha problemas de saúde, então a prioridade sempre era em relação a saúde dela. E para comprar um imóvel naquela época, se hoje é difícil né, naquela época sem ter nada e os dois não tinham nada foi bem difícil também. E foi o bairro que nos acolheu que nos proporcionou ter uma casa própria. Então minha relação com o bairro é de muito carinho, de muito amor.

Como foi crescer/se desenvolver aqui?

Crescer e se desenvolver aqui. Eu fui criada na rua, eu brincava na rua, a gente não tinha ladrão, violência, não tinha nada, não tinha luz, não tinha água, mas também não tinha violência. Não tinha todas essas coisas que existem hoje em dia de perigo, de medo, acho que quando a gente, na nossa infância nós não passamos por isso. Então foi uma relação muito boa porque a gente pode viver com pé no chão, descalço, brincando e a gente se divertia bastante e a relação com o Cangaíba até hoje é muito forte, tanto é que a gente, eu não consigo sair daqui, tenho um carinho muito grande pelo bairro.

Qual a primeira memória que vem à mente quando dizemos Cangaíba?

Existia aqui no Cangaíba, aqui na Salomão de Vasconcelos, que é uma rua próxima a nossa que é a Rocha Fraga, existia um buraco enorme, um buracão muito grande. E nesse buracão a gente colocava papelões no chão, sentava em cima e descia como se fosse um brinquedo, como se a gente tivesse no Playcenter sabe então quando eu lembro do Cangaíba, eu lembro desse Buracão, que hoje em dia é asfaltado, tem árvores na Avenida mas toda vez que eu falo do Cangaíba parece que vem na minha cabeça sempre o buracão!

Como eram as coisas quando você chegou?

Quando quando eu me dei conta da minha vida aqui, não existia nada aqui, não tinha nada, não tinha o que qualquer coisa que eu pudesse dizer assim para “você olha é uma atração que tem é um”, não tinha absolutamente nada, tinha nada. A única coisa que eu lembro assim de eram as festas da igreja, né, as festas juninas eram muito boas e graças a Deus meu pai era muito festeiro! Meu pai como tinha essa coisa de gostar de festa, de diversão, de gente então ele fazia de tudo, mesmo sendo muito pobre, mas ele pedia emprestado o caminhão da transportadora, ele ia buscar é árvores -- como é que chamava aquela árvore mesmo que ele ia buscar? acabei esquecendo e agora meu Deus do céu! que a mamãe gosta muito que a gente tem ali, depois você edita isso, aí meu Deus, não é pinheirinho, que a gente tem aqui, não, e você faz varal -- Bambu, meu pai ia buscar o bambu nos lá onde tinha o terreno do João Kun, ele ia buscar bambu e fazia festa então, embora não tivesse nada as festas eram muito boas! A gente se vestia, dançava a quadrilha, as festas juninas eram muito muito boas. Natal sempre meu pai fez questão também de a gente comemorar. Todo mundo saía de casa em casa, andava, cada um entrava na casa do outro e cumprimentava. A gente conhecia todo mundo que tinha aqui, porque eram poucas pessoas né, era uma casa aqui, outra bem longe. Então a gente ia de casa em casa e cumprimentava, tanto no Natal quanto no Ano Novo. E existe uma fábrica aqui, que quando dava meia noite essa fábrica tocava, era Cavalari, e ela tocava e a gente ficava esperando o sinal da fábrica tocar para a gente comemorar a passagem do Ano Novo. Então é outra coisa assim que eu lembro muito era a gente tá escutando no rádio a corrida de São Silvestre esperando quem era o vencedor da corrida e a fábrica tocando a meia-noite e a gente todo mundo se abraçando.

O que tem aqui que talvez não tenha em outro lugar?

Eu acho que o algumas pessoas ainda têm dentro de si um espírito de preocupação com o semelhante. Nos outros lugares eu percebo assim uma impessoalidade muito grande, que aqui

ainda sobrevive um espírito de preocupação, um espírito de generosidade um com o outro então eu acho que isso ainda persiste aqui. Que é o que a gente já não vê mais em outro lugar. Aliás, tem lugar que as pessoas nem nunca se cumprimentaram, nunca se viram e aqui ainda tem isso e isso eu acho que é uma coisa muito boa entre as pessoas!

Uma história curiosa, engraçada, que te marcou vivendo aqui.

Eu acho que a história mais curiosa que eu conheço do Cangaíba é que aqui o Betinho, irmão do Henfil, ficou escondido na época da ditadura. E era um lugar tão abandonado, tão largado que nunca ninguém nem se preocupou de procurar o Betinho aqui. E era uma pessoa que era procurada né porque era considerado subversivo. Eu acho que é um fato, o fato mais importante existe no mundo político, social, que aqui no Cangaíba o Betinho se casou, morava com a esposa dele, que era um se eu não me engano uma oriental, e essa oriental fazia pastel e vendia pastel numa banquinha e ele acompanhava ela vender. Então nunca ninguém se preocupou que ele fosse procurado político.

Quais impactos/características que você talvez identifique que foram moldadas aqui?

Acho que o que é mais marcante em mim que eu acho que nasceu dessa convivência, que eu tenho, que eu tive na rua, de poder ter contato com todas as pessoas e as pessoas mais antigas tinham várias coisas. Minha mãe veio de Ilhabela e lá na ilha eles tinham vários, algumas coisas que eles faziam nas comemorações que eram muito peculiar né. Então, por exemplo, assim a folia de reis, ia de casa em casa, cantava no dia 6 de janeiro, tinha um ritual de abrir a porta, de tocar na porta, de bater na porta e era uma família, a família da minha mãe era muito alegre embora tivesse tido alguns problemas na infância dela, mas os primos dela era muito alegres. Então eu acho que aquilo que eu tenho de cumprimentar todo mundo, abraçar todo mundo, beijar todo mundo, de querer ter contato com as pessoas, de querer ter festas e diversões não sei o que, eu acho que eu tenho justamente porque eu nasci aqui e isso é tá na minha veia, tá dentro de mim, de querer sempre ter muita gente perto de mim. Eu acho que é o que que eu tenho delegado de toda a minha infância vivida aqui no Cangaíba.

Como e por onde se desenvolveram seus relacionamentos vivendo aqui?

As igrejas sempre foram ponto de encontro das pessoas aqui no Cangaíba né. Tanto a igreja do Cangaíba como a igreja de Santo Onofre, que aqui em Engenheiro Goulart, e acho que a participação, o convívio dentro da igreja trouxe muita amizade, muito conhecimento das pessoas. Basicamente assim, para mim, foi a rua e as igrejas!

Quais pontos você não gosta e quais pontos você gosta do Cangaíba?

(risadas) Eu acho que as casas do Cangaíba são muito largadas, muito maltratadas, eu acho que as pessoas podiam, nem que fosse um calzinho passar nas suas casas, deixar as casas mais bonitas mais, plantar mais árvores. Eu acho que o bairro não é bonito, não é um bairro que você fale assim “olha que beleza que tem esse bairro” não, eu acho que não tem. Mas tem uma coisa que eu adoro no Cangaíba que é minha casa! Minha casa pra mim é o oásis, minha casa tem árvores, tem quintal, tem, essa casa era a casa da minha avó! Então ela tem já um, eu tenho um apego emocional muito grande pela casa porque era a casa que era da minha vó, do meu vô. Meu vô era muito gente boa então eu já tenho um amor grande pela casa, por causa do meu avô. E a casa ela é aconchegante, é gostosa, se eu pudesse tirar minha casa pra levar para morar na praia por exemplo, levava minha casa junto. Que é o que eu mais gosto aqui no Cangaíba!

Depoimento

A minha mensagem de despedida, em primeiro lugar, agradecendo né a oportunidade de falar do Cangaíba, agradecer a Juliana por ela ser essa filha incrível que ela é e trazer alegria que ela tá trazendo pra gente de se formar, de concluir o curso e dizer para ela, dizer para você que você nos orgulha muito! E que falar do Cangaíba foi uma coisa surpreendente para gente porque aqui não não é Poços de Caldas, não é Gramado, não é uma cidade, não é linda, não é Angra dos Reis, não. É o simples Cangaíba e isso traduz pra gente uma, mais uma, mais uma forma de você mostrar para nós o quanto você aprendeu com a gente, de falar alguma coisa que pode ser que não tenha tanta importância para as outras pessoas mas ter vindo aqui, ter nascido aqui e ter, dar valor as raízes pra nós é muito importante! Você nos orgulha duplamente, tanto pela formatura como se preocupar em falar de alguma coisa que talvez seja a primeira pessoa que se preocupou em falar sobre o próprio bairro, um bairro pobre, um bairro que sempre teve deficiências mas que você deu importância à esse lugar porque é o lugar onde a gente nasceu! Então você nos orgulha duplamente, filha, eu te amo!

ANEXOS

Termo de Autorização de uso de imagem de Ivone Santos Souza

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Ivone Santa Souza, da nacionalidade Brasileira, portador(a) do RG n.º 11.237.729.04, inscrito(a) no CPF sob o n.º 164.960.28800, residente na Rua Rua Rocha Freixo n.º 96, São Paulo, SP, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem de Juliana Bellato de Souza, com o fim específico de um documentário para o trabalho de conclusão de curso, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Juliana Bellato de Souza a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: São Paulo 21 de novembro 2020

Assinatura: Ivone Santa Souza

Termo de Autorização de uso de imagem - Izilda Morais Bertoni

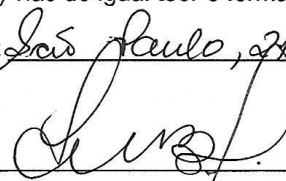
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Izilda Morais Bertoni, da nacionalidade Brasileira, portador(a) do RG n.º 9 215 547 9, inscrito(a) no CPF sob o n.º 859715028-91, residente na Rua Profº Alas Padroso, n.º 217B São Paulo, SP, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem de Juliana Bellato de Souza, com o fim específico de um documentário para o trabalho de conclusão de curso, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Juliana Bellato de Souza a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: São Paulo, 21 de Novembro 2020

Assinatura: 

Telefone para contato: (011) 2623 45 04

Termo de Autorização de uso de imagem - Marlene de C Azevedo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Marlene de C Azevedo, da nacionalidade Brasileira, portador(a) do RG n.º 6.930.870-6, inscrito(a) no CPF sob o n.º 11342042808, residente na Rua Rocha Fraga n.º 43, João Paulo, SC.
AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem de Juliana Bellato de Souza, com o fim específico de um documentário para o trabalho de conclusão de curso, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Juliana Bellato de Souza a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: 20-11-2020

Assinatura: Marlene de C Azevedo

Telefone para contato: () _____

Termo de Autorização de uso de imagem - Solemar Amélia Bellato de Souza

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, SOLEMAR AMÉLIA BELLATO DE SOUZA, da nacionalidade BRAS, portador(a) do RG n.º 7681924-3, inscrito(a) no CPF sob o n.º 011.058.528-30, residente na Rua ROCHA FRAGA n.º 93, São Paulo, SP, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem de Juliana Bellato de Souza, com o fim específico de um documentário para o trabalho de conclusão de curso, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Juliana Bellato de Souza a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: SÃO PAULO, 23 de novembro 2020.

Assinatura: 